



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA

*ALTRUÍSMO: UM ESTUDO SOBRE HEROIS  
COMUNS*

Dissertação apresentada à Universidade Católica Portuguesa

para obtenção do grau de Mestre em Psicologia

- Especialização em Psicologia da Justiça e do Comportamento Desviante -

por

*Ana Mafalda de Oliveira Meireles Vaz Guimarães*

sob orientação de

*Prof<sup>a</sup> Doutora Mariana Barbosa*

Faculdade de Educação e Psicologia

Porto, dezembro de 2014

“Every man must decide whether he will walk in the light of creative altruism or in the darkness of destructive selfishness.”

Martin Luther King, Jr.

## **Agradecimentos**

A concretização deste trabalho seria impossível sem o apoio de várias figuras.

Agradeço primeiramente àqueles que dedicaram o seu tempo para a colaboração neste estudo, considerando sempre que não se classificavam como heróis e que talvez não tenham entendido bem porque foram escolhidos para fazerem parte deste projeto. É essa humildade que também faz de vós heróis: pessoas “comuns” que consideram as suas ações “comuns” mas que outros não se atrevem a replicar...

A ti mãe, não há maneira de te agradecer que satisfaça a extensão em que deveria fazê-lo. Ainda neste preciso momento que escrevo estás a reler tudo do que escrevo, dissecando possíveis erros ortográficos do restante trabalho. Obrigada por acreditares em mim, por achares que tudo isto faz todo o sentido, pela tua incansável dedicação...

À minha irmã, minha querida irmã Bárbara, de quem estive muito ausente e que merece muito mais do aquilo que lhe dou, obrigada por ainda gostares tanto de mim e te deixar saudade. Espero que saibas que eu a sinto com a mesma intensidade.

A ti pai, apesar de toda esta longitude sempre acreditaste neste trabalho e na importância do tema. Há sempre esta inquietude que partilhamos que nos afasta fisicamente, talvez uma maldição que possa ter os seus frutos no trabalho que queremos realizar no mundo. Espero um dia conseguir obter um sucesso como o teu.

À Maria, agradeço pelo apoio e pelas vezes que me ouviste a falar entusiasmadamente sobre este trabalho, sem nunca te cansares. Às restantes manas, obrigada por estarem do meu lado e compreenderem quando me ausentava horas no quarto a escrever.

Aos meus amigos, agradeço que estejam cá. Vocês são a família que felizmente pude escolher. Sem vocês, nada disto faria sentido. Cada um de vós ensinou-me lições importantes, e agradeço os momentos que me aturaram. Obrigada por tudo...

Agradeço às minhas queridas colegas de curso Ânia Tavares, Mónica Valbom, Carolina Guimarães pelo apoio que sempre me deram e que sabem estar no meu coração apesar da distância. O nosso quarteto deixa saudades...Agradeço também à Mónica Soares, que me amparou num momento de dificuldade e que foi uma ajuda preciosa.

Para a realização deste trabalho seria impossível fazê-lo sem o apoio consistente da Prof<sup>a</sup> Doutora Mariana Barbosa, orientadora deste projeto mas, acima de tudo, uma companheira nas crenças sobre a paz. Quem sabe um dia trabalharemos juntas a educar futuros heróis!

Agradeço também á Tânia Dias, que partilhava o meu interesse neste tema e com quem conversava nos momentos livres que tínhamos no trabalho, tenho saudades!

Agradeço sobretudo a todos os que defendem os outros, que lutam por estes, que combatem a injustiça pondo a sua vida em risco. Foram os exemplos destas pessoas que me deram interesse para estudar as suas ações e trabalhar para que cada vez sejam mais frequentes no mundo.

**Título:** Estudo do Comportamento Altruísta Heroico

## **Resumo**

Arriscar a vida pelos outros é um fenómeno que tem causado perplexidade desde os tempos de Darwin (1871; 1872), por contrariar o mais básico dos instintos: o de sobrevivência. Apesar de vários teóricos não acreditarem na possibilidade de as ações altruístas poderem ocorrer dissociadas de motivações internas (Leyens & Yzerbyt, 2008), as suas consequências são incontornavelmente benéficas para aqueles a quem a ação é dirigida, podendo representar um veículo de transformação em direcção a uma sociedade mais pacífica, justa, e sociocêntrica (Batson, Ahmad, & Stocks, 2004; Zimbardo, 2009). No entanto, apesar da indubitável importância do comportamento altruísta, têm sido escassos os estudos acerca dos motivos que levam alguns indivíduos a agir face a situações de vitimação, diferenciando-se daqueles que agem passivamente (Kahn, 2009; Zimbardo, 2009). Foi com o intuito de contribuir para a compreensão daquilo que denominamos de ‘altruísmo heroico’ - atos que, além de beneficiarem primordialmente o outro, colocam a vida daquele que os comete em perigo -, que levamos a cabo este estudo. Para tal, foram realizadas entrevistas aprofundadas dois homens e uma mulher cujas vidas se têm pautado por atos de altruísmo heroico. Os resultados põem em evidência alguns fatores de ordem contextual (e.g. modelos de referência altruístas, contato intercultural), e de ordem individual (e.g. coragem, inconformismo), assim como determinados princípios e valores (e.g. a solidariedade e a verdade) que parecem estar na base do comportamento altruísta heroico.

Palavras-chave: Altruísmo, Heroísmo, Solidariedade, Coragem, Princípios.

**Title:** Study on Altruistic Heroic Behavior

**Abstract**

Risking one's own life is a phenomenon that has perplexed many since Darwin's time (1871; 1872), as it contradicts the most basic of all instincts: that of survival. Although several theorists disbelieve the possibility of behavior detached from internal motivations (Leyens & Yzerbyt, 2008), the consequences of these actions are undoubtedly beneficial for those who receive them, and can represent a means of change for a more just, peaceful and sociocentric society (Batson, Ahmad, & Stocks, 2004; Zimbardo, 2009). However, despite the assured importance of altruistic behavior, there have been few studies focusing on the motives for which individuals act in scenarios of victimization (Kahn, 2009; Zimbardo, 2009). It was in the intent to contribute to the understanding of what we refer to as "heroic altruism"- actions that besides benefiting primarily the target of these actions, jeopardizes the safety of the actors life- that this study was set up to achieve. In order to do so, we conducted in-depth interviews to two men and a woman whose lives have demonstrated altruistic heroic behaviors. The results put into evidence some environmental factors (e.g. altruistic reference models, intercultural contact), personality traits (e.g. courage, inconformity), and certain principles and values (e.g. solidarity and truth) that seem to be key understandings to altruistic heroic behaviors.

Key-words: Altruism, Heroism, Solidarity, Courage, Inconformity, Principles.

# Índice de Conteúdos

Agradecimentos .....	iii
Resumo .....	v
Abstract .....	vi
Índice de Conteúdos .....	vii
Índice de Anexos.....	ix
Índice de Quadros .....	x

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>1</b>
-------------------------	----------

<b>ARTIGO CIENTÍFICO.....</b>	<b>4</b>
-------------------------------	----------

Estado da Arte .....	4
----------------------	---

1. Introdução.....	4
--------------------	---

2. Delimitação concetual .....	4
--------------------------------	---

3. Contributos da Psicologia para o entendimento do comportamento altruísta .....	5
---	---

3.1. Fatores individuais .....	5
--------------------------------	---

3.1.1. <i>Empatia</i> .....	5
-----------------------------	---

3.1.2. <i>Sentido de Responsabilidade Pessoal</i> .....	6
---	---

3.2. Fatores Situacionais.....	7
--------------------------------	---

4. Conclusão .....	8
--------------------	---

Método .....	9
--------------	---

1. Introdução e Questões de Investigação .....	9
--	---

2. Participantes .....	9
------------------------	---

3. Instrumentos .....	10
-----------------------	----

4. Procedimentos .....	11
------------------------	----

4.1. Recolha de dados.....	11
----------------------------	----

4.2. Tratamento dos dados.....	11
--------------------------------	----

5. Estratégias de validação dos resultados.....	12
---	----

Apresentação dos Resultados .....	13
-----------------------------------	----

<i>Quais os fatores ambientais associados ao comportamento altruísta heroico?</i> .....	13
---	----

Modelos de Referência.....	13
----------------------------	----

Experiências interculturais .....	14
-----------------------------------	----

O Papel da religião .....	15
---------------------------	----

<i>Quais os fatores disposicionais associados ao comportamento altruísta heroico?</i> .....	15
---	----

Coragem .....	15
---------------	----

Inconformidade .....	16
<i>Quais os princípios e valores associados ao comportamento altruísta heroico?</i> .....	17
Amar o próximo .....	18
Igualdade e respeito pelas diferenças .....	18
Sentido de responsabilidade pessoal .....	19
Honestidade e verdade.....	19
Discussão e Conclusão .....	21
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>25</b>
<b>Bibliografia .....</b>	<b>29</b>

## **Índice de Anexos**

<b>Anexo 1.</b> Guião de Entrevista .....	<b>XXXIII</b>
<b>Anexo 2.</b> Tabela de Categorias .....	<b>XLI</b>

## **Índice de Quadros**

<b>Quadro 1.</b> Caracterização sociodemográfica dos participantes.....	<b>10</b>
---	-----------

## INTRODUÇÃO

*"I understand that I will be made to suffer for my actions, and that the return of this information to the public marks my end."*

(Edward Snowden, cit in Gellman, 2013)

Em Junho de 2013 Edward Snowden começou a divulgar informação privada da Agência Nacional de Segurança dos Estados Unidos da América ao público. Os documentos que forneceu aos jornalistas continham informação sobre programas de supervisão global dessa organização e da “*Five Eyes*”<sup>1</sup> em cooperação com empresas de telecomunicações e governos Europeus que violam direitos de privacidade de cidadãos de todo o mundo (Anonymous, 2013). A citação que escolhemos para iniciar este texto foi proferida por Edward Snowden acerca da decisão que tomou em tornar essa informação alvo de conhecimento público, não obstante saber que estaria a colocar a sua vida em perigo.

São os exemplos daqueles que arriscaram a sua própria vida em nome da luta contra a injustiça - como aqueles que salvaram judeus aquando da segunda guerra mundial; ou quando Ghandi fez uma greve de fome para lutar contra o apartheid britânico instalado na Índia; e, mais recentemente, quando Edward Snowden revelou publicamente crimes perpetrados por entidades oficiais do governo Norte-Americano – que inspiram este trabalho. O perigo que cada um destes atores sofreu é claro, tão claro como o Sol que Snowden perde por cada dia que passa na ‘embaixada prisão’ onde se encontra, e que nós aproveitamos na quietude das nossas vidas.

O ato de arriscar a vida pelos outros pode ser considerado o ‘apogeu’ do comportamento altruísta (e.g. Boon, 2005; Porpora, 1996; Zimbardo, 2009), uma forma de altruísmo que tem merecido diferentes designações (e.g. coragem moral; coragem civil; heroísmo), e que neste trabalho designaremos por ‘altruísmo heroico’. A existência destes comportamentos é encarada com perplexidade porque põe em causa aquele que é considerado o mais primordial dos instintos: o de sobrevivência. Torna-se ainda mais surpreendente se atendermos ao crescente individualismo que caracteriza a nossa sociedade. Como poderemos explicar que alguns indivíduos sejam imbuídos de tamanha expressão de sociocentrismo numa cultura que apela tanto ao individualismo como a nossa? Como poderemos fazer com que estas acções, que contemplam o lado altruísta de beneficiar primordialmente o bem-estar do outro e o lado heroico de arriscar a sua segurança na concretização desse objectivo- sejam promovidas na sociedade? Cremos, pelos exemplos de altruísmo e heroísmo acima referidos, que a proliferação

---

<sup>1</sup> *Five Eyes* Refere-se à mais extensa aliança de Espionagem conhecida da História, entre a Austrália, Canadá, Nova Zelândia, Reino Unido e EUA (McGregor, 2013)

deste tipo de comportamentos poderá contribuir para a cessação dos cenários de injustiça que ainda subsistem. Acreditamos que a psicologia, que tanto tem contribuído para o entendimento do comportamento humano violento ou passivo, poderá ser útil também para estudar a face reversa: o comportamento humano que resiste à pressão externa e o comportamento altruísta e heroico, áreas que têm sido alvo de pouca atenção (Kahn, 2009; Zimbardo, 2004).

Neste trabalho iremos mergulhar no conhecimento existente sobre o altruísmo heroico, e procuraremos contribuir para a compreensão do fenómeno através do nosso estudo empírico. Na secção do artigo científico dedicada ao Estado da Arte, será feito o enquadramento concetual do altruísmo, assim como uma sistematização dos principais contributos da Psicologia para a compreensão do nosso objeto de estudo. Iremos depois fazer uma descrição da metodologia adoptada neste estudo, secção após a qual apresentaremos os resultados obtidos, à luz das questões de investigação inspiradoras deste estudo. A última secção deste artigo científico é dedicada à discussão dos resultados e conclusões finais. Finalizamos este trabalho com uma conclusão geral dedicada à reflexão sobre as implicações do estudo para futuras investigações e para a intervenção.

Solicitámos, antes de iniciarmos este percurso, a leitura do seguinte excerto do livro *Altruistic Personality*, de Oliner e Oliner (1988), que reflete de forma interessante o conceito ténue de “bom” e “mau” do qual nos devemos apartar, pelo que veremos de seguida...

Zorah Legend: "When God came to create the world and reveal what was hidden in the depths and disclose light out of darkness, **they were all wrapped in one another**, and therefore light emerged from darkness, and from the impenetrable came forth the profound. So too from good issues evil and from mercy issues judgment, and all are intertwined, the good impulse and the evil impulse, right and left, Israel and other peoples, white and black- all depend on one another."

## ARTIGO CIENTÍFICO

### Estado da Arte

#### Comportamento Altruísta Heroico

### 1. Introdução

Segundo a perspectiva evolucionista, o comportamento altruísta é um tipo de comportamento social que beneficia mais o recetor da ação do que o próprio autor (West, Gardener, & Griffin, s.d). Segundo Darwin (1872), as espécies agem de forma a que o seu comportamento conduza à sua sobrevivência, adaptando-se aos diferentes ambientes. As ações altruístas, que colocam quem as comete numa situação de vulnerabilidade - pois posicionam os interesses dos outros à frente dos seus - apresentam-se como uma contradição aos instintos de sobrevivência, o que torna este comportamento intrigante. Arriscar a nossa segurança pelo bem-estar dos outros parece ser então, à luz da teoria de Darwin (1872), um comportamento contranatura e um atentado à nossa própria existência (Batson, Ahmad, & Stocks, 2004). Porém, a incompreensão deste fenómeno não invalida o fascínio por este já desde os tempos de Darwin (1871):

It is the most noble of all the attributes of man, leading him without a moment's hesitation to risk his life for that of a fellow-creature; or after due deliberation, impelled simply by the deep feeling of right or duty, to sacrifice it in some great cause (p. 76).

A possibilidade de termos maior consideração pelo bem-estar do outro, acima do nosso, explica também porque há pessoas que arriscam as suas vidas ao ver indivíduos em perigo. Este tipo de comportamento, por constituir a expressão máxima do altruísmo, será aqui designado de altruísmo heroico. Apesar de termos conhecimento de expressões deste fenómeno ao longo da História, esta é uma área que tem recebido pouca atenção no seio da comunidade psicológica (Zimbardo, 2004).

### 2. Delimitação concetual

A palavra “altruísmo”, criada por Auguste Comte (1852) há cerca de 170 anos atrás, deriva da palavra latina *alter* que significa “outro”. Comte (1852) definiu altruísmo como uma devoção ao bem-estar dos outros, desprendida do seu próprio *self*. Neste sentido, os atos seriam inteiramente dedicados ao outro, desprendidos de qualquer motivação pessoal. Outro autor que abordou o tema foi Émile Durkheim (1979), postulando que altruísmo existia em todas as sociedades, ocorrendo sempre que o indivíduo desvalorizava os seus próprios interesses em prol do bem-estar da sociedade (cit in Oliner &

Oliner, 1988). Segundo Durkheim (1979), nenhuma sociedade podia existir sem que os cidadãos se consciencializassem e fizessem sacrifícios uns pelos outros (*ibidem*). A maior parte das definições de personalidade altruísta engloba, por um lado, a ausência de egocentrismo e, por outro, a motivação para ajudar o outro, como critérios elementares de altruísmo. No entanto, alguns teóricos consideram que o fato de os custos da ação ultrapassarem os ganhos pessoais é suficiente para descrever esta conceção (*ibidem*). Além destas posições, alguns autores não acreditam que um altruísmo despojado de reforços internos seja possível. Por exemplo, Leyens e Yzerby (2008) distinguem três tipos de reforços internos que podem advir das acções em prol do outro:

- 1) a ajuda pode suscitar recompensas, como uma imagem lisonjeira de si próprio, a boa disposição, o sentimento de dever cumprido; 2) a ajuda pode também afastar punições, como a culpabilidade, a vergonha ou o sentimento de ter transgredido as normas sociais; 3) e, por fim, a ajuda pode reduzir uma ativação desagradável na medida em que, por exemplo, restaura uma situação de justiça (p. 230).

Os autores postulam assim a existência inevitável dos reforços internos na realização de atos altruístas, não sendo assim exclusivamente movidos pela necessidade de ajudar o outro. A nosso ver, o valor relativo dos reforços internos na avaliação do 'grau' de altruísmo de um ato poderá estar na intensidade com que estes são procurados, ou seja, se a motivação pessoal ultrapassa a motivação de ajudar o outro.

### **3. Contributos da Psicologia para o entendimento do comportamento altruísta**

#### **3.1. Fatores individuais**

##### **3.1.1. *Empatia***

De acordo com vários autores, existe uma estreita relação entre a empatia e a capacidade altruísta do indivíduo (Leyens & Yzerbyt, 2008), já que aqueles que sentem mais empatia tendem a sentir-se bem apenas quando a necessidade do outro é aliviada (Batson et al., 1988; Batson & Weeks, 1998 cit in Batson, Ahmad, & Stocks, 2004). A empatia tende a estar associada a uma maior sensibilidade às necessidades do outro e, conseqüentemente, a uma maior predisposição para ajudar e a uma menor inclinação para a agressão. Além do mais, existem evidências de que a motivação altruísta induzida por empatia aumenta a atitude de cooperação na resolução de problemas e/ou conflitos. Prova disso está nas experiências realizadas por Batson, Ahmad e Stocks (2004), nas quais era solicitado aos participantes que fizessem a divisão de recursos entre eles e um ficava a saber de antemão que o outro tinha dividido a seu próprio favor. Nesta experiência, havia uma condição de indução de empatia (grupo experimental) e uma condição em que a empatia não era induzida (grupo de controlo). Verificou-se que na condição em que não era induzida a empatia nos participantes a cooperação era

extremamente baixa (5%) mas na condição de indução de empatia, a cooperação subia consideravelmente (45%) (ibidem). Estes resultados sustentam a ideia de que a empatia parece ajudar na resolução cooperativa de conflitos, o que se revela importante e útil na obtenção de uma sociedade mais pacífica.

### 3.1.2. *Sentido de Responsabilidade Pessoal*

O comportamento altruísta, em particular o heroico, requer muitas vezes a coragem para manter as convicções pessoais face a situações percebidas como injustas, ainda que estas sejam legitimadas por uma autoridade ou por um grupo (veja-se os exemplos de heróis do altruísmo como Nelson Mandela, Martin Luther King, ou Aristides de Sousa Mendes). Se atendermos a certas experiências realizadas na área da psicologia, como a de Milgram<sup>2</sup> (2013) sobre a obediência à autoridade, podemos observar que atos imorais e desumanos podem ser cometidos sob a alçada da autoridade. Porém, alguns participantes no estudo optaram por desafiar a autoridade, desobedecendo às suas ordens. As entrevistas realizadas posteriormente às experiências demonstraram que aqueles que desafiaram a figura de autoridade sentiam-se pessoalmente responsabilizados pelo mal que estavam a cometer, enquanto os obedientes transferiam a culpa para o experimentador que ordenava a administração de choques (Milgram, 2013). Em relação à culpabilização da vítima, os sujeitos obedientes viam nesta o dobro da responsabilidade pelo que lhe estava a acontecer do que os sujeitos desobedientes (*ibidem*). Tais constatações vão de encontro à teoria de descomprometimento moral de Bandura (et al., 1996; 2002). Segundo este autor, existem várias estratégias a que as pessoas recorrem para se descomprometerem moralmente de situações que vão contra as suas convicções morais pessoais, entre elas a externalização da responsabilidade pelo ato e a culpabilização do alvo, estratégias de descomprometimento moral utilizadas pelos participantes obedientes do estudo de Milgram (2013). Já o sentido de responsabilidade pessoal- aquilo que Milgram (2013) denominaria de “Estado Autónomo”- tenderá a potenciar o comprometimento moral face à situação, inibindo, consequentemente, a perpetração de condutas contrárias às convicções morais do indivíduo.

Também as conclusões do estudo de Oliner e Oliner (1988) oferecem suporte para a existência de pessoas que se sentem responsabilizadas pelos outros. No intuito de compreender as razões que levaram pessoas durante a segunda guerra mundial a socorrer judeus, realizaram entrevistas aprofundadas que abordaram vários aspetos da vida dos *rescuers* e perceberam que estes, além de

---

<sup>2</sup> Nas suas experiências sobre a obediência à autoridade, os participantes eram desafiados a administrar falsos choques elétricos (sem terem conhecimento de que os choques eram fictícios) com o fim de punir um sujeito quando não sabia as respostas a um conjunto de perguntas. Foram solicitados a fazê-lo por uma figura de autoridade (um ator do estudo), que ordenava primeiro um choque muito leve e, o que foi constatado é que a maioria daqueles que administraram essa primeira pequena quantidade seguiu o leque de choques (desde os 15 volts até aos 450 volts) progressivamente até ao fim

possuírem princípios de ajuda e igualdade perante o outro, sentiam-se mais responsáveis pelo outro e o seu bem-estar.

As experiências de Asch (1956)<sup>3</sup> sobre a conformidade também oferecem importantes contributos na compreensão do comportamento altruísta. Nos seus estudos os participantes que se revelaram inconformistas referiam que, na altura de confrontação, disseram o que achavam que estava certo ou, mesmo se em dúvida, sentiam que tinham de relatar o que viam. O comportamento dos inconformistas variava entre atuar com extrema confiança até a um estado de grande dúvida e culpa por responderem de forma diferente. De qualquer forma, todos estes sujeitos levaram avante a necessidade ou dever que sentiam em responder de acordo com o seu julgamento. Segundo considerações de Asch (1956) sobre a experiência, a independência requer a capacidade de enfrentar a oposição da maioria sem o sentimento de desvalorização pessoal por tal. As pessoas que apresentavam independência teriam então uma capacidade de lidar com tensão e enfrentá-la ou seriam capazes lidar com forças contraditórias a si.

### 3.2. Fatores Situacionais

Ao tomarmos conhecimento da existência destes sujeitos “independentes”, que não se conformam com a resposta da maioria ou desafiam ordens de uma autoridade em situações que contradizem as suas convicções morais, podemos refletir sobre este modo de atuação em contextos de injustiça social. O comportamento altruísta heroico requer uma atitude inconformista perante tais contextos, no entanto, existem alguns fatores de ordem situacional que poderão facilitar ou inibir o comportamento de ajuda. Latané e Darley (1968a; 1968b), nos seus estudos sobre o homicídio de *Kitty Genovese*<sup>4</sup>, enunciaram os fatores que estiveram na origem do efeito *bystander* que se gerou entre as testemunhas do incidente, nomeadamente: a influência social, a difusão de responsabilidade e a inibição por audiência (*ibidem*). Os autores conseguiram perceber que quanto maior for a quantidade de pessoas no local, menos provável será que alguém faça alguma coisa. Isto poderá ter a ver com a ideia de que alguém já está a

---

<sup>3</sup> Numa das suas experiências sobre a conformidade, era mostrado a um conjunto de indivíduos linhas de comprimento diferente e estes deveriam dizer publicamente qual destas era a maior. Neste grupo fazia parte, no máximo, 5 atores (que representavam a maioria), contra um número máximo de 2 sujeitos (que por sua vez representavam a minoria). Os atores respondiam primeiro e de forma errónea, apontando como a linha de comprimento maior uma errada. O objetivo de Asch (1956) era perceber se os sujeitos, confrontados com a resposta da maioria, se conformavam com o grupo ou se seguiam o seu próprio juízo.

<sup>4</sup> Relembrando este afamado caso, Kitty foi assassinada à porta da sua casa, situada num prédio dum bairro residencial em Nova Iorque, de madrugada após regressar do trabalho. O incidente demorou cerca de 30 minutos (algumas fontes variam) e os apelos de ajuda foram escutados pela vizinhança, que se apercebeu do que se passava mas nada fez para a ajudar. Perante a passividade dos outros, Latané & Darley (1968a; 1968b) pretendiam estudar as explicações para este fenómeno *bystander*.

fazer alguma coisa, ou um medo de embaraço, e ainda, uma avaliação do custo-benefício da nossa ação para nós mesmos (*ibidem*). As suas conclusões foram então que somos mais propensos a ajudar quando estamos sós ou com alguém que conhecemos, que o efeito de grupo leva à difusão de responsabilidade e embaraço, que somos menos propensos a ajudar quando somos “programados” a não reagir e, sobretudo, que a resposta ambiental imediata é mais importante a determinar se se intervém do que características da personalidade do sujeito ou aspetos culturais. Verificamos assim, que se as dimensões situacionais podem conduzir-nos à conformidade, estas mesmas podem estar na base do comportamento contrário.

#### 4. Conclusão

A existência de pessoas que recusam obedecer a ordens para magoar outros (Milgram, 2013), de pessoas que não se rendem à maioria que sabem estar errada (Asch, 1956), de pessoas que salvam outras num contexto de perigo para si e as suas famílias (Oliner & Oliner, 1988), daqueles que desafiam governos e grandes corporações para defender a liberdade do outro (Zimbardo, 2009) mostram-nos que existe esperança para acreditar no ser humano. E que, embora ele possa ter a capacidade para fazer o “mal” (e.g., Arendt, 1964; Duntley & Buss, 2004; Milgram, 2013; Zimbardo, 2004) existem provas de que nem todos o fazem, e ao invés, praticam o “bem”, seja este na forma de desobediência, inconformidade, independência, e, na forma mais importante, de forma altruísta heróica, pois a vida é social, interdependente e, revendo as palavras de Martin Luther King Jr, o egoísmo apenas leva à destruição e a um transfúgio do que somos: irmãos.

## Método

### 1. Introdução e Questões de Investigação

Motivados pela vontade de perceber melhor o que explica o comportamento altruísta heroico, que já vimos ser caracterizado como enigmático (Darwin, 1872), além de pouco estudado (Zimbardo, 2004), estes atos altruístas devem ser, merecidamente, estudados e cultivados, devido à relevância que já vimos que estes têm na construção de uma sociedade mais pacífica (Batson, Ahmad e Stocks, 2004). O comportamento altruísta heroico deve ser então, a nosso ver, cultivado na sociedade, mas, antes de o fazer, revela-se pertinente e útil perceber as causas deste fenómeno e como se manifesta. Com vista a contribuir para a compreensão deste fenómeno, o presente estudo orienta-se pelas seguintes questões de investigação:

*Quais os fatores ambientais que influenciam o comportamento altruísta heroico?*

*Quais os fatores disposicionais associados ao comportamento altruísta heroico?*

*Quais os princípios e valores associados ao comportamento altruísta heroico?*

Para conseguirmos responder às questões delineadas é necessário aceder às experiências dos indivíduos, à sua história pessoal, aos seus valores e significados – ou seja, às suas idiossincrasias. Este tipo de dados apela ao carácter qualitativo do método de investigação utilizado, que é preferível sempre que é necessária uma aproximação aos significados dos participantes (Creswell, 2007; Ritchie & Lewis, 2003).

### 2. Participantes

Para conseguir estudar o comportamento altruísta heroico é essencial servirmo-nos de uma amostra de indivíduos cujos atos se enquadrem na definição deste tipo de comportamentos. Revisitando então este conceito, e apoiando-nos na contribuição de diversos autores, procuram-se pessoas cujos atos:

- 1- Representam uma devoção ao bem-estar dos outros, desprendida do seu próprio *self* e do seu ego (Comte, 1852);
- 2- Beneficiam mais o recetor da ação que o próprio autor (West, Gardener, & Griffin, s.d),
- 3- Envolvam um risco ou potencial para tal, como ameaça de morte, uma ameaça imediata para a integridade física, uma ameaça a longo prazo para a saúde ou ameaça de degradação da qualidade de vida da pessoa (Zimbardo, 2009)
- 4- Não se praticam com vista à obtenção de recompensas (Oliner & Oliner, 1988).

Podemos assim classificar a nossa amostra como heterogénea e intencional (Ritchie & Lewis, 2003), pois procurámos pessoas que cumprissem a definição de comportamento altruísta heroico, tentando alcançar possíveis peritos experienciais do tema, cujas profissões refletem uma dedicação aos outros e que incluem risco de vida pelo exercício da mesma. Neste sentido, incluímos neste estudo: um bombeiro voluntário, alguém que arrisca a sua vida em situações de combate de incêndios e em situações de catástrofe e emergência no contexto nacional (designado de ‘Bombeiro’); um médico sem fronteiras, alguém que arrisca a sua vida em zonas de contexto de guerra (e.g. na Síria e no Afeganistão), designado de ‘Médico’, e ainda uma Irmã (freira), alguém que arrisca a sua vida também em zonas de conflito armado (e.g. no Ruanda e no Congo), designada como ‘Irmã’. Na tabela apresentada abaixo, podemos observar alguma caracterização sociodemográfica destes.

**Quadro 1.** Caracterização sociodemográfica dos participantes

<b>Participante (Designação)</b>	<b>Faixa Etária</b>	<b>Localidade</b>	<b>Área Profissional</b>	<b>Nível Educativo</b>
Médico	30 - 35	Porto	Médico	Licenciatura
Bombeiro	50 – 55	Lisboa	Bombeiro Voluntário	Ensino Básico (2º Ciclo)
Irmã	50 - 55	Porto	Educação/Freira	Licenciatura

### **3. Instrumentos**

Atendendo ao carácter qualitativo da nossa investigação, a obtenção de informação dos participantes foi feita através de interação direta e diálogo com os mesmos na forma de entrevistas. Este procedimento aparece como um método de recolha de informação em investigação qualitativa que fornece informação aprofundada sobre as experiências e perspetivas dos participantes relativamente a um determinado assunto (Turner, 2010), podendo explorar as decisões e motivações destes em detalhe (Ritchie & Lewis, 2003). O guião de entrevista foi adaptado do de Oliner e Oliner (1988), e é constituído pelas seguintes secções: a primeira foca a história de vida dos participantes, na segunda secção explora-se as relações interpessoais dos mesmos, a seguinte secção foca a visão dos participantes sobre si mesmos, a quarta secção procura perceber se o ato altruísta ao abrigo do qual é participante deste estudo é único ou se existem outras demonstrações de comportamentos altruístas/voluntários/comunitários ao longo da sua vida -isto porque um objectivo do estudo original desta secção foi perceber se este tipo de ações são frequentes ao ponto de se poder dizer que o indivíduo sempre apresentou uma “personalidade altruísta”-, porém neste estudo a nossa amostra já representa pessoas que deliberadamente escolheram uma profissão que põe a sua vida em risco e por isso o seu comprometimento face a atos altruístas poderá ser visto como mais duradouro. Isto significa que assumimos de alguma forma que os participantes têm uma vontade de salvar vidas/ajudar os

outros que faz parte quase da sua personalidade, já que se manifesta a um nível mais duradouro. A última secção, por seu lado, foca o comportamento altruísta que levou o participante a colaborar no estudo, tentando perceber as suas motivações para os seus atos e possíveis dinâmicas internas e dinâmicas externas nos momentos em que colocou a sua vida em risco.

A escolha do guião assume-se assim como uma aposta sensata na obtenção de informação conducente aos objectivos da investigação devido à multiplicidade de aspetos que aborda. Pretendemos desse modo, através das entrevistas e do formato do guião, obter informação aprofundada e detalhada sobre a história de vida do participante, os comportamentos altruístas/heroicos que desempenhou, reflexões do mesmo sobre os seus eventos de vida, o relacionamento interpessoal, entre outros.

## 4. Procedimentos

### 4.1. Recolha de dados

Todas as entrevistas foram realizadas entre maio e junho de 2014. Em cada um dos momentos foi disponibilizado ao entrevistado o consentimento informado, garantido que estes tivessem compreendido o objetivo do estudo, e assegurou-se a confidencialidade e anonimato da sua participação. As entrevistas foram, mediante autorização concedida, gravadas em formato áudio e tiveram durações que oscilaram entre uma hora e quarenta minutos e duas horas, um tempo alargado que se justifica pela profundidade das mesmas. De forma geral, as condições em que estas se realizaram foram boas, em espaços privados e sem interferências externas.

### 4.2. Tratamento dos dados

Após a transcrição na íntegra das informações obtidas nas entrevistas, estas foram sujeitas a análise de conteúdo, já que a preocupação está na apreensão de significados e interpretação dos dados (Ritchie & Lewis, 2003). Esta análise consistiu numa leitura primária das entrevistas, seguida de codificação inicial de dados tentando corresponder todas as unidades de registo ao maior número de categorias possível, de forma a obedecer ao princípio de categorização aberta e obtendo um grande leque de categorias próximas dos discursos do participante. Depois foi necessário enveredar por uma análise dessas categorias mais refinada, tentando encontrar possíveis ligações entre as mesmas e dimensões importantes para responder às questões do nosso estudo. Este processo envolveu também escrever memorandos, uma constante análise comparativa utilizando uma lógica indutiva, codificação intermediária – da qual faz parte a codificação axial- e integração teórica. Todas estas componentes são métodos apontados como essenciais para *grounded theory* (Birks & Mills, 2011) e que tentamos respeitar ao longo de todo o processo.

## **5. Estratégias de validação dos resultados**

Ao longo do processo de investigação adotámos algumas estratégias de validação dos resultados. Desde logo, procurámos assegurar a qualidade dos dados seleccionando uma amostra heterogénea e intencional, representativa do fenómeno em estudo. A validade dos resultados foi assegurada também pela natureza indutiva do processo de categorização, pelo esforço em manter a proximidade face às narrativas dos participantes (no processo de categorização e na descrição dos resultados, incluindo citações exemplificativas das principais categorias), e pela descrição detalhada e aprofundada de todo o processo de investigação (Ritchie & Lewis, 2003).

## Apresentação dos Resultados

A apresentação dos resultados está organizada em várias dimensões que se assumiram como importantes na resposta às nossas questões de investigação. Para cada uma das questões de formuladas, iremos apresentar as respostas emergentes da análise dos dados das entrevistas, organizadas em função das principais categorias resultantes dessa análise.

### *Quais os fatores ambientais associados ao comportamento altruísta heroico?*

#### Modelos de Referência

“No man is an island,  
Entire of itself,  
Every man is a piece of the continent,  
A part of the main (...)“

Todos os participantes apontaram modelos de referência que de alguma maneira os influenciaram pelas suas ações altruístas. No caso do Bombeiro, o antigo patrão foi caracterizado como alguém que preferia sair prejudicado a prejudicar outros: *“E então esse meu patrão foi uma das coisas...foi prejudicado muitas vezes e ele disse ‘Antes quero ser prejudicado que prejudicar alguém.’”* Os modelos de referência da Irmã são primordialmente figuras religiosas, que dedicaram a sua vida ao auxílio dos outros, sendo que a referência de vida para a Irmã é a própria figura de Jesus Cristo: *“(...) a figura de Jesus Cristo. E para mim ele é a referência por excelência”*. Já o Médico aponta como modelo de referência principal a mãe, a quem atribui qualidades de altruísmo e preocupação genuína pelos outros e com quem crê que se assemelha *“(...) acho que é extremamente boa pessoa, (...) com um sentido de altruísmo muito genuíno, muito puro, e ...pronto, foi ao lado dessa pessoa que eu cresci e acho que me ajudou a moldar muito coisas que eu acho que eu gosto na minha personalidade.”*

Tanto o Médico como o Bombeiro referiram ter relações muito próximas com as mães, referindo-se à figura maternal com grande carinho e como alguém com quem se assemelham. Por exemplo, o Bombeiro apontou a constante valorização da honestidade por parte da mãe, algo que considera refletir-se na sua personalidade e nos valores que defende: *“A minha mãe sempre foi muito frontal com a gente. E então, ela...dizia-nos, dizia-nos aquilo que pensava e...foi isso que aprendi a ser com ela. Sempre dizer as coisas na cara às pessoas.”*

Também a Irmã destacou o estilo de educação orientado para o altruísmo e abnegação que lhe foi inculcido pelos seus pais *“Uma das coisas que era comum, comum, muito comum lá em casa, é uma coisa ridícula mas que forma carácter e imprime acho cores ao coração era quando nós chegávamos a casa, ver sempre se, íamos sempre ao frigorífico, estávamos, tinha-nos sido inculcido que tu tiras sempre o pior e não o melhor. (Irmã)”* Este conceito de “deixar o melhor iogurte para o Irmão” poderá

ter tido forte impacto no participante, algo que foi de facto verbalmente expresso pela mesma: “*Eu creio que isso provocou que desde muito, muito cedo estas duas coisas de olhar para fora, de ter a... deixar o melhor para o outro, e depois de ter também essa noção de sermos uns agraciados em comparação com, e termos e sermos amigos de miúdos que não tinham...hmm..as possibilidades ou a qualidade de vida que nós tínhamos. Eu creio que estas duas coisas marcaram-me para sempre.*” A preocupação também dos pais em que esta se relacionasse com pares de níveis sociais diferentes e que não tivessem uma qualidade de vida como a dela também pode ter contribuído para a dedicação da Irmã em servir os outros: “*Que eu, de coração já estava muitíssimo virado, sempre estive muitíssimo virado para fora e isto foi-me inculcado a nível de família*”. A educação dos pais para actividades voluntárias desde uma tenra idade, pode ter servido de exemplo e de influência para as futuras iniciativas de apoio comunitário e humanitário manifestadas: “*(...) aos meus 13 anos comecei a dar aulas de alfabetização (...) a adultos no colégio nossa senhora da maria, à noite.*” Que, segundo a mesma, eram “*Nada pensadas...era uma coisa que acontecia naturalmente.*”

### Experiências interculturais

Emergiu também da análise o papel dos contactos interculturais na vida dos participantes, promotor de valores como a tolerância pelos outros, respeito pelas diferenças e, sobretudo, da vontade de ajudar. No caso de dois participantes, foram descritos momentos de contato cultural como muito importantes como motivadores para ajudar os outros “*eu vi África hm...pela primeira vez e houve alguns momentos, eu lembro-me particularmente de um momento em Maputo numa feirinha que havia lá,(...) é uma grande confusão, pobríssimo, e tu vês uma miséria humana. (...) essa pobreza extrema fez-me confusão e ficou alo qualquer coisa a germinar ali dentro (Médico)*”. A Irmã também aponta de forma consciente a importância de experiências interculturais que teve quando foi estudar para Áustria aos 18 anos que depois lhe deram vontade de trabalhar com refugiados, a população a quem ela dedicou várias missões humanitárias: “*(...) vivia numa residência universitária internacional. Digo isto porque foi uma experiência de universalidade muito forte (...) Aí tive contacto que, naquela altura não me apercebi mas depois com esta minha...hm...futura vontade de...de...que apareceu de repente de ter alguma dedicação aos refugiados, esta ...hm...tive muitíssimo contacto com os curdos.*” O contato dos participantes com culturas distintas parece ter causado assim uma marca nestes que os levou depois a prosseguirem uma atividade que passasse por ajudar essas comunidades desfavorecidas que conheceram: “*Depois à medida que fui crescendo como médico a sensação de que podia doar os meus conhecimentos a zonas onde eles são ainda mais importantes hm...fez-me procurar ONG's que me dessem essa oportunidade (Médico).*”

## O Papel da religião

A religião apresenta-se, para a Irmã, o sentido pelo qual ela orienta a sua vida, sendo Deus a sua autoridade máxima e ao mesmo tempo um veículo pelo qual ela sente a liberdade necessária para desafiar entidades e defender a verdade e a justiça, o que ela descreve de “Liberdade de Cristo”: *“E isto é uma coisa que- e nós que somos crentes, (...) só tu sabes isso, dá-te uma liberdade que muita gente não tem. Então essa liberdade que te dá Cristo, em situações tipo, hm...são, importantíssimas que aconteçam que estejam lá.”* Esta sensação de poder dizer o que considera importante devido à relação que tem com Deus surge associada a uma lição que a Irmã refere ter aprendido através dessa relação que é a entrega à vontade de Deus: *“Sim que queres naturalmente, mas há aqui uma questão que não é só tua, há a liberdade da humanidade (...) mas ter a certeza da presença deste Deus que não desiste da humanidade. E por isso de alguma forma, essa história vai acabar bem. “.* Esta entrega a Deus é acompanhada por uma sensação do mundo ser a sua família: *“Os que acreditam, a família é a maneira de estar em Deus e a responder ao que Deus quer. (...) Quer pessoas que não tenham família e que entreguem, como se costuma dizer, o coração sem divisão a ele para poder servir aonde quer que seja. Ter a disponibilidade em que tou, o mundo é a minha família, digamos assim.”* Se a Irmã percebe os outros como membros da sua própria família, pensamos que existe uma contribuição em defendê-los, mesmo que isso implique desafio a outras figuras, pois a vontade de ajudar os que necessitam faz parte do seu trabalho de servir o “Reino de Deus”, sendo as consequências resultantes dessas acções desvalorizadas.

## ***Quais os fatores disposicionais associados ao comportamento altruísta heroico?***

Nesta secção exploramos aspetos da personalidade dos participantes que se evidenciaram nos seus discursos e que têm sido associados na literatura ao comportamento altruísta heroico (Zimbardo, 2009), nomeadamente: a coragem, associada a uma relativização do perigo; e a inconformidade, que se traduz numa postura de independência e resistência a influências exteriores.

## Coragem

A coragem parece ser um aspeto da personalidade presente nos participantes na medida em que todos, independentemente da consciência do risco que atravessam nas suas atividades e das influências por vezes dissuasoras dos outros, prosseguem naquilo que acreditam ser correto. Por exemplo, a Irmã, quando confrontada com uma situação de desonestidade por um funcionário do ACNUR, revela o seguinte sobre esse episódio: *“(...)é duro, muto duro. Porque...é o conta a história mas toca em pontos mas numa versão completamente diferente e a que não foi assim que aconteceu. E...a tua palavra contra aquele que pertence à instituição. Por isso, sim, mas não podes deixar de o fazer. As consequências, logo se vê”.* Ou seja, apesar do impacto duro desse acontecimento, a Irmã prosseguiu a

sua ação com base na necessidade de o fazer, o que podemos entender também como uma espécie de sensação de responsabilidade imperativa, que se sobrepõe às consequências. Porém, embora no nosso estudo todos os participantes sintam medo de alguma forma, este deverá ser visto como algo natural, servindo-nos das palavras do Médico sobre fazer apoio humanitário em países em guerra: “*logico que entrar num sítio desses nunca nos deixa indiferentes. Só não tem medo quem não tem amor à vida.*”.

Também é relevante apontar que os participantes em geral vêem o perigo como “*muito relativo. Um...aquilo que pra nós é perigoso é essencialmente ...a nossa forma de reagir com o que nós vemos. Tar no meio de uma guerra não é necessariamente perigoso (Médico)*” (2/3) ou, entendem o perigo que atravessam mas que outras necessidades se levantam: “*Não, a gente...perigo há sempre...quando em certas situações, de fogos e não sei quê. Mas a gente tem que ir (Bombeiro)*”. Constata-se mais uma vez a elevação da responsabilidade pessoal em ajudar sobre o perigo que a ação pode representar para o indivíduo.

Os participantes têm portanto noção do perigo, sentem medo, mas possivelmente ocorrem processos de habituação que são expressos por estes “*eu sinto, eu tenho medo, mas, as pessoas habitua-se, é incrível como é que o ser humano se habitua (Médico)*” que os ajudam a viver com esse perigo e que os ensinam a relativizá-lo.

O prosseguimento da ação, com consciência do perigo, seja este percebido como elevado ou diminuto, foi também um ponto observado no estudo de Oliner e Oliner (1988), em que aqueles que salvaram judeus tinham perfeita noção do risco da sua ação. Parece razoável descartar-se assim a possibilidade de que aqueles que cometeram esses atos, e os nossos participantes, carecem de algum tipo de instintos de sobrevivência ou de racionalidade acerca do perigo. Sentem medo, têm noção de perigo, atravessam processos de habituação/automatização/adaptação<sup>5</sup> que são característicos de uma mente “sã”. E, apesar de toda a consciência, prosseguem em ações de risco para ajudar os outros.

### Inconformidade

No enquadramento teórico explicamos a importância em situações de ajuda da influência social, da difusão de responsabilidade e da inibição por audiência (Latané & Darley, 1968a, 1958b), que são todos fatores situacionais relacionados com a presença ou não de outros atores na situação. Neste estudo conseguimos perceber que houve alturas em que o participante, neste caso a Irmã, em ocasiões de desafio, obteve reações de apoio: “*tive uma fortíssima com (...) um alto funcionário do ACNUR, e*

---

<sup>5</sup> Estes processos referidos são naturais pelo que nos explica a psicologia cognitiva, que os identifica como podendo ser fenómenos de automatização - em que um procedimento passa de altamente consciente a relativamente automático como resultado da prática - de habituação, que está relacionado com acostumar-nos a um estímulo atribuindo-lhe cada vez menos atenção - e, de adaptação sensorial, que representa a diminuição da atenção a um estímulo que não seja objeto de controlo consciente (Sternberg, 2008).

que aí o JRS e o Diretor Geral foi, foi fantástico, porque me apoiou completamente” mas também de rejeição “a dificuldade que tive com um oficial (...) Passei algum tempo num estado não-grata”. Neste caso, a Irmã foi sujeita a pressões externas de reprovação e rejeição, que não a influenciaram para mudar o seu comportamento. Em relação a possíveis fenómenos de difusão de responsabilidade, a Irmã, apesar da presença passiva de outros atores, não deixou de fazer aquilo que ela considerou correto: “outras ONG’s, por muito que pensassem no mesmo que eu tava a pensar, por medos, por agendas debaixo da mesa, tás a perceber- não são tão explícitas.”, o que corrobora com os fenómenos descritos acima por Latané e Darley (1968a, 1958b). Esta responsabilidade é justificada pela necessidade de dizer a verdade: “Tu enfrentas-te, acontece tu enfrentas-te, não com gritos, não com violência. Mas em dizendo a verdade”. Ou, como apresentado no discurso do Bombeiro sobre situações de combate a fogos “(...) a gente tem que pensar que temos alguma responsabilidade...as outras pessoas podem não ser tão fortes como a gente.”, a responsabilidade também se prende com a necessidade de ajudar outros que poderão não ter a capacidade de se defenderem.

Também o Médico apresentou esta resistência a influências externas quando foi enfrentado com reações de carácter dissuasor para não realizar o trabalho humanitário em sítios perigosos que a profissão implica, sobretudo pelo seu modelo de referência- a mãe: “(...) e sei que ela na brincadeira me diz que não quer que eu vá, para nunca mais ir, para nunca mais voltar a ir, pra não voltar a preocupar e tal”. O Bombeiro mostrou capacidade de prosseguir o seu trabalho em alturas de perigo quando foi confrontado com apelos dos seus próximos. Nomeadamente, na altura do fogo do Chiado, a sua mulher procurava-o com preocupação, sem saber do seu paradeiro, mas isso não o dissuadiu de prosseguir com o seu trabalho

Entrando numa esfera privada dos participantes, a Irmã também recebeu alguma incompreensão em relação à sua escolha de viver uma vida consagrada a Deus por parte da irmã: “a minha irmã mais nova não, foi a que mais lhe custou. Porque não acredita, porque ...então custou-lhe imenso. Sempre respeitou, mas não acredita em Deus. Por isso uma opção dessas hmm...custou-lhe muito, mas cá está, isto é muito típico dentro das relações familiares que é – mas tens a certeza?- e eu –tenho-.” e dos seus amigos da universidade, embora tal não tenha diminuído a certeza da mesma sobre a opção de vida que tomou.

### ***Quais os princípios e valores associados ao comportamento altruísta heroico?***

A dimensão que apresentamos de seguida foca os valores e princípios pelos quais os participantes parecem respeitar e seguir na sua vida, que surgem identificados como valores de honestidade, de tolerância a outros e respeito pelas diferenças; princípios de responsabilidade pessoal pelo outro, da importância do amor/amizade/solidariedade e fazer o bem, que se debruça depois numa crítica à falta

de valores na atualidade. É importante referir que estes valores e princípios presentes se associam também a características de personalidade dos participantes que foram emergindo ao longo da análise.

### Amar o próximo

Fazer o bem surge como uma expressão usada várias vezes no discurso dos participantes (3/3), como no da Irmã: “*O bem-comum, se se apostar no bem comum, em falar do bem comum – falar do bem comum é importantíssimo*” e no do Bombeiro “*antigamente as pessoas eram mais abertas, mais solidárias, mais solidárias uns com os outros.*” O vocabulário varia entre solidariedade, fraternidade, amizade, bem-comum, mas consideramos ser possível agrupar todos estes sinónimos numa palavra que traduz todas estas: o amor. Segundo a irmã, este valor é de extrema importância e refere que faz falta na sociedade: “*Mas não consigo fugir ao amor. Ok? Mas tá muito mal...vivido e explicado o que é o amor. Hm...um amor que inclua possessão não é amor, um amor que inclua facilitismo não é amor... um amor que não signifique- tá a ver, eu não posso fugir ao amor. Hm...mas o amor com maiúscula.*”

O Bombeiro também aponta a importância da amizade- que podemos entender como uma forma de amor- e esta surge como um dos aspetos mais positivos do seu trabalho “*fomos para esse congresso em Barcelos (...) a gente andava a visitar, (...) e tivemos cenas lá no Minho que eu não trocava por dinheiro nenhum deste mundo.*” Nota-se no discurso do Bombeiro a importância que atribui às relações interpessoais, à amizade e a um sentido comunitário forte. O Bombeiro caracteriza esses momentos como “*aquela camaradagem de andarmos todos elementos de um lado para o outro*”.

### Igualdade e respeito pelas diferenças

Associado a este sentido de importância do amor e da amizade está o aspeto da tolerância para com os outros e respeito pelas diferenças como princípios pelos quais também se regem.

Em todos os participantes foram manifestados valores de respeito pelos outros, pelas diferenças que estes apresentam em relação ao participante, e a compreensão de que este tipo de visão faz falta para um mundo mais pacífico. Por exemplo, o Médico refere: “*(...) acho que ter a capacidade não é de compreender a outra parte. De tolerar a diferença, de respeitar, acho que só assim as pessoas conseguem evitar os conflitos*”. Também o Bombeiro aponta este princípio, que se reflete na sua maneira de ser e ver os outros: “*As pessoas para mim são todas iguais. Ainda hoje são porque eu não distingo um doutor dum cantoneiro ou dum pedreiro...Para mim as pessoas são todas iguais. Não, nunca tomei...nunca tomei partido por nada*”. Mostra assim que trata as pessoas de forma igual, o que representa por si um princípio importante: o da igualdade. A ausência deste tipo de princípios é apontada na literatura como estando associada a muitos atos de violência ou de comportamento *bystander*, através de, por exemplo, fenómenos de favoritismo endogrupal (Tajfel, et al., 1971 cit in

Leyens & Yzerbyt, 2008) e de desumanização (Bandura et al., 1996; 2002) que têm na sua base a superioridade de uma entidade relativamente a outra. Observamos assim que a crença na igualdade é unânime entre todos os participantes, o que nos surge como um ponto merecedor de atenção.

A Irmã chega até mais além, relativamente a estes valores e associa-os a um sentido de fraternidade que deve existir na sociedade: *“Mas se passarmos da solidariedade para a fraternidade, em que essa ligação que temos com o outro é de irmãos e isto afeta-nos (...) o papa agora chamou os muçulmanos de irmãos, quando foi à Terra Santa. Hm...e eu adorei! Porque é esse sentido de fraternidade...porque ninguém faz mal a um irmão.”* Isto significa que, além de considerar as pessoas como iguais entre si, defende que se deve passar até deste sentido de preocupação pelo outro para uma consideração do outro como irmão, daí que todos os fenómenos de tolerância e respeito vêm de forma adjacente porque é o que Irmã considera como natural entre relações fraternais.

### Sentido de responsabilidade pessoal

A referência à responsabilidade pessoal pelo ‘outro’ surge no discurso de alguns participantes (2/3): *“Tás é sem ser capaz de fazer outra coisa. Ok? Esta história do advocacy, do defender. Hm....do advogar a causa de outros (Irmã)”*; *“porque a gente vê um, sei lá uma labareda, que a gente olha para aquilo e só tem vontade de fugir, fugir e não parar mas a gente também tem, e eu penso, a gente tem que pensar que temos alguma responsabilidade...as outras pessoas podem não ser tão fortes como a gente (Bombeiro)”*.

A constatação da Irmã poderá ser analisada à luz da teoria de descomprometimento moral de Bandura (et al. (1996; 2002). Segundo o autor, existem vários mecanismos aos quais as pessoas recorrem para se descomprometerem moralmente de uma situação injusta. Um desses mecanismos é a difusão da responsabilidade, em que o participante atribui a responsabilidade do que está a acontecer a outros. Porém, neste caso, a Irmã age como aqueles que cessaram a administração dos choques nas experiências de Milgram (2013), que consideravam ter alguma responsabilidade pelo que estava a acontecer e não queriam prosseguir devido ao peso que isso representaria na sua consciência (*ibidem*). A afirmação apontada pelo Bombeiro também surge como um reflexo explícito deste sentido de responsabilidade, o que por sua vez se apresenta como uma preocupação pelo outro, característica de um sentido comunitário ou sociocêntrico (Zimbardo, 2009) em relação aos outros.

### Honestidade e verdade

Entre todos os valores que foram apontados pelos participantes, um destacou-se pela prontidão com que foi referido e pelo carácter primordial que consideram que assume nas suas vidas - a verdade: *“Olha, hmm...a verdade acho que é o fundamento da (...) Acho que é um dos, das bases mais importantes para que as coisas corram bem individualmente e coletivamente. (Médico) ”*; *“Olha, a*

*verdade é um. Porque tu conhecendo o mundo todo, há tanta mentira, corrupção, e tudo isso, por isso a capacidade de defender a verdade hm...a verdade (Irmã) ”, que também poderá ser entendida segundo definições dos participantes como honestidade, frontalidade, lealdade, genuinidade e transparência. Foi igualmente constatável que todos os participantes se consideravam pessoas honestas, como podemos ver pelas seguintes contestações: “gosto de ser verdadeiro (Médico) ”; “Não dá, eu quando tenho que dizer as pessoas digo na cara (Bombeiro) ”.*

De facto, a todos os participantes fazia muita impressão ou causava transtorno tudo que fosse contra a verdade e que não fosse transparente: “(...) as pessoas têm que ser leais, honestas, e honestas. Que uma das coisas que eu detesto e...e...não é (...) ódio não é que eu não tenho ódio por ninguém. Mas a raiva às vezes, as pessoas é...é as pessoas não serem abertas. (Bombeiro) ”.

A Irmã e o Médico, por exemplo, já tinham presenciado casos de corrupção contra os quais agiram, como a ocasião em que a Irmã defendeu as suas crenças desafiando as autoridades que tinham interesses ou agendas privadas que outros não contrariavam: “*Tu enfrentas-te, acontece tu enfrentas-te, não com gritos, não com violência. Mas em dizendo a verdade.*” O Médico, numa situação em que foi confrontado com autoridades policiais, não cedeu a pagar uma multa exigida pela entidade pois via-a como suborno: “*O polícia, até podia ter razão mas, eu até podia ser multado mas não estava disposto a dar-lhe dinheiro pelo suborno.* “.

Nota-se, portanto, em todos os participantes um afastamento e rejeição da mentira e da falta de honestidade considerando este valor um aspeto crucial para as suas vidas e para a sociedade.

## Discussão e Conclusão

Analisando a secção anterior, que compreende já uma tentativa de responder às questões do estudo, é possível compreender a existência de fatores ambientais influentes na vida dos participantes, traços ou características disposicionais dos mesmos e princípios e valores que defendem, todos estes componentes que consideramos ser peças importantes no entendimento do comportamento altruísta heroico. De seguida, iremos reflectir sobre estas descobertas à luz da revisão de literatura.

### *O papel dos fatores ambientais*

Através da observação dos resultados tornou-se perceptível que existiam indícios de fatores ambientais que influenciaram os participantes. Estes fatores tinham sobretudo a ver com as relações sociais do indivíduo ao longo do crescimento, que aparecem como importantes influências no modo como este se posiciona face aos outros: se de forma favorável ou desfavorável (Wills & Resko, 2004). Neste estudo, devemos sublinhar a informação obtida sobre os estilos de educação altruístas que os indivíduos receberam, desde o papel da mãe do Médico, os pais da Irmã e o único patrão que o bombeiro teve na vida, desde os 14 anos de idade. Segundo Wills & Resko (2004) a fase de adolescência, entre os 11 e os 18 anos, surge como importante para o desenvolvimento de comportamento altruísta, altura esta em que todas as figuras apontadas acima no nosso estudo estiveram presentes. Esta informação pode levar-nos a considerar a repercussão da presença destes modelos altruístas nesta fase de vida dos participantes nos comportamentos altruístas heroicos que demonstram e uma peça no nosso entendimento deste fenómeno. Primeiro porque, como vemos pela teoria de aprendizagem social (Bandura, 1971)<sup>6</sup> os indivíduos imitam o comportamento dos outros, sendo que a apreensão do comportamento é dependente de aspetos de semelhança entre modelos e observadores (Leyens & Yzerbyt, 2008), o que neste caso parece acontecer, já que estes modelos são na maioria caracterizados como membros da família ou pessoas muito próximas aos indivíduos. Também Newcomb (1956) realça o poder da ligação com certos indivíduos durante algum tempo poder orientar o resto da vida da pessoa (cit in Leyens & Yzerbyt), e a imersão dos participantes no contacto com os modelos de referência é uma prova das influências que estes poderão ter na chegada a um sentido de vida que passa por ajudar os outros.

Outra componente que surgiu na análise de resultados e que foi apresentada anteriormente prende-se com a presença de contactos interculturais na vida dos participantes que os influenciaram na escolha

---

<sup>6</sup> Na sua obra “*Social Learning Theory*” Bandura (1971) refere que os indivíduos imitam o comportamento dos outros através de um primeiro momento de observação dessa acção seguido de uma reprodução espontânea do mesmo.

dos seus percursos profissionais e decisões de vida que envolviam ajudar os outros. Para a Irmã e o Médico, o contacto com comunidades desfavorecidas surgiu como semente para uma futura vontade e escolha de vida que passava por ajudar essas populações. Podemos assim ponderar a importância do contacto intercultural na geração da vontade de ajudar os outros, que também poderá estar associado a emoções como a empatia (Batson, Ahmad, & Stocks, 2004; Brudholm, 2012; Slovic, 2012). Isto porque, não é simplesmente o contacto com outras culturas que poderá estar ligado à execução de acções pelos outros mas o reconhecimento da dor daqueles que sofrem nessa comunidade (Batson, Ahmad, & Stocks, 2004; Slovic, 2012). Outra influência importante que surgiu no estudo foi a presença da religião para a Irmã, à qual ela dedica a sua vida e que se traduz numa obediência aos ensinamentos de Deus. Esta relação poderia ser vista como preocupante se nos referíssemos por exemplo àqueles que propagam atualmente o Estado Islâmico e que aterrorizam o Médio Oriente, porém a Irmã age e defende valores que refletem igualdade, respeito, solidariedade, não parecendo ser uma obediência “cega” e preocupante, mas sim um motor de comportamentos altruístas heroicos.

### *O papel das características individuais*

Da análise dos dados emergiram também características da personalidade dos participantes que se assumem como importantes no entendimento do fenómeno em estudo, que foi o caso da coragem, e da inconformidade, associada à resistência a influências e independência. A presença destes fatores, em certo grau, pode explicar como o indivíduo não cede ou não se conforma com cenários que considera incorretos, como aconteceu com o Médico e a Irmã. A importância destas características está relacionada com a capacidade que têm em desafiar o fenómeno *bystander* e de perpetuação do “mal”, pois este está associado a aspetos contrários, como o conformismo e a obediência “cega” à autoridade (e.g. Asch, 1956; Milgram, 2013).

Podemos inferir sobre estes traços de personalidade através do facto de os participantes terem consciência do perigo que atravessam nas suas acções altruístas heroicas, tal como Snowden quando divulgou os crimes que estavam a ser cometidos pelo Governo Norte-Americano. (Gellman, 2013). Esta consciência do perigo era sujeita a uma relativização e prosseguimento na ação, sendo por isso comparável às definições de coragem defendidas, como a de Zimbardo (2009), que aponta como a firmeza de espírito que encontra o perigo sem medo é um elemento vital para caracterizar um herói.

Além disso, a noção plena desse perigo e a resposta ambiental dos outros – de apoio ou de rejeição – em nada influenciava os participantes a desistirem das suas ações, como aconteceu com a Irmã quando confrontou o funcionário do ACNUR ou como aconteceu com o Médico perante as reacções negativas dos outros face à sua decisão de trabalhar como Médico Sem Fronteiras. Percebemos assim que além das dinâmicas situacionais propiciadoras dos comportamentos de ajuda, existe nestes comportamentos

um reflexo de aspetos mais duradouros, relacionados com características da personalidade dos seus atores.

### *Princípios e valores advogados*

Entre os valores defendidos pelos participantes a verdade assumiu uma posição central nos seus discursos, sendo unanimemente proferida em primeiro lugar quando confrontados com a questão de descrever os valores mais importantes para cada um. Também Edward Snowden, quando divulgou os esquemas de supervisão e controlo do governo Norte-Americano, fê-lo pela necessidade que sentiu em dizer a verdade, auto intitulado-se inclusive de *Verax*- que significa *truth-teller* em Latim (Gellman, 2013).

A verdade, apesar de não ser uma questão explorada na revisão de literatura, surge associada de alguma forma às experiências de Asch (1956), nas quais participantes inconformistas/independentes relatam, após a experiência, terem ido contra a opinião da maioria porque sentiam a obrigação de dizer a verdade- o que realmente estavam a ver. A importância de ser independente nesse estudo, inofensivo e sem consequências, eleva-se quando a verdade significa colocar a vida em risco, ou a profissão, como aconteceu com a Irmã quando confrontou o funcionário do ACNUR, passando a ser por isso considerada uma pessoa “não-grata”. A verdade parece ter assim um peso maior do que a própria vida ou do que a segurança para estes indivíduos. No caso da Irmã e do Médico, a verdade foi mais importante do que as consequências que esse desafio perante os outros poderia representar para cada um deles, o que também aconteceu com Snowden. Poderemos refletir inclusive se este valor está associado a uma ideia de integridade ou dignidade, a uma necessidade de serem íntegros perante o que crêem ser correto, sendo a verdade um veículo para que isso aconteça.

Outra semelhança encontrada entre os participantes prende-se com uma preocupação que apresentam relativamente aos outros, associado a um sentido de responsabilidade genuína que é referido por estes (2/3). Esta descoberta vai de acordo às conclusões de Oliner e Oliner (1988) sobre os *rescuers* que salvaram judeus e pode ser equiparado a uma visão sociocêntrica (Zimbardo 2004; 2009) que apresentam em relação aos outros. Ainda mais veemente ou significativo é o sentimento de dever de ajuda que estes apresentavam, corroborando a teoria de descomprometimento moral de Bandura (et al., 1996; 2002) e de difusão de responsabilidade de Latané & Darley (1968a;1968b) e paralelizando os nossos participantes àqueles que se recusaram a administrar choques na experiência de Milgram (2013).

\*

Concluimos assim este estudo deixando ao leitor as nossas descobertas, mesmo que embrionárias, para consideração futuras sobre a importância da aprendizagem do altruísmo com modelos de referência, das experiências de contato intercultural, e da religião, do papel de valores como a verdade, a igualdade, o perdão, e a solidariedade, e da influência de características de personalidade como a coragem ou o inconformidade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

### **Como fomentar o altruísmo heroico: A solução da Educação**

*Education is the most powerful weapon which you can use to change the world. Nelson Mandela*

Como forma de conclusão geral deste trabalho, iremos procurar reflectir sobre as implicações do mesmo quer para futuras investigações sobre o altruísmo, quer para a intervenção.

O fato de os nossos resultados nos mostrarem o papel dos fatores ambientais no comportamento altruísta remete-nos para o ponto que consideramos ser mais importante para a fomentação de comportamento altruísta heroico: a educação. Este aspeto está presente em diversas dimensões da vida dos indivíduos, seja na dimensão familiar como na escolar. De forma a combater as “escolas de obediência” criticadas por Milgram (2013), os sistemas educativos devem instruir as crianças a pensar de forma crítica, a fazer as suas próprias avaliações e a não confiar sempre em entidades revestidas de autoridade (Edgren, 2012). Além disso, para cultivar a personalidade heroica em cada um temos de nos afastar de concepções irrealistas de heróis, que são maioritariamente descritos como entidades com poderes e capacidades sobre humanas com recurso a *gadgets* e a tecnologias avançadas (Boon 2005; Zimbardo, 2009). Como poderá uma criança acreditar que poderá fazer a diferença se crê que para isso precisa da picada de uma aranha, de um carro veloz ou de ter mais músculos que os outros? Por mais nobres que possam ser os objetivos daqueles que vendem a ideia de um herói como aquele que vemos na televisão, nos livros, etc, e que está associado, corretamente, a valores de justiça, verdade e advogar a causa dos outros, devemos fugir de mascarar o herói. Os indivíduos não deviam ter medo do embaraço das suas ações, como já vimos acontecer (Darley & Latané, 1968a;1968b). Se a desindividuação leva a maior vandalismo (Zimbardo, 2009), então eduquemos as pessoas a não se esconderem e a não esquecerem os seus valores.

Mais do que cultivar contactos interculturais, sem descredibilizar todo o mérito que merecem, são os valores e o posicionamento face aos outros que devem ser sobretudo nutridos ao longo da vida do ser humano. Educar uma criança a respeitar e a interagir com crianças de várias classes sociais, culturas ou religiões distintas da sua, na lógica de que ele é um irmão (lembrando as palavras da Irmã), até uma idade adulta, parece ser uma chave importante na realização de atos altruístas heroicos. Se as relações sociais durante a adolescência são importantes influências na criação ou cultivo de comportamentos altruístas heroicos, então devem também existir reformas nos diferentes sistemas de ensino onde o indivíduo se insere, seja o sistema educativo formal- a escola; como as diferentes atividades extracurriculares onde o adolescente se insere, como contextos desportivos, artísticos, -lúdicos, na sua generalidade. Como? Um treinador consciente da importância da tolerância e altruísmo na sociedade

poderá organizar jogos com crianças em contextos vulneráveis juntando estes com outros de classes mais favorecidas, estando misturados na mesma equipa. Uma pintora que dê aulas de expressão artística a jovens poderá criar um evento mensal onde cada participante leiloa peças para ajudar comunidades desfavorecidas. Um professor de português poderá criar uma iniciativa onde promove aulas de literacia a adultos analfabetos e estimula os seus alunos a participar. Um professor de formação cívica pode educar os seus alunos a serem heróis em espera (Zimbardo, 2009) e instruí-los no sentido de que a defesa dos outros é uma peça fundamental na formação cívica de uma pessoa. E, focando noutra escola de ensino (Milgram, 2013), não esqueçamos a importância do contexto familiar, em que a família educa a respeitar uns aos outros, a resolver problemas de forma pacífica, e a defender vítimas mesmo que isso ponha a sua vida em perigo. Acreditamos que não seja um papel fácil, pois ninguém deve querer ver os seus próximos em perigo, mas se todos formos educados desta forma, é maior o apoio que o defensor recebe, afastando-se assim do perigo de ser ele próprio vítima. Todas estas hipóteses englobam várias dimensões importantes que foram retiradas do nosso estudo: a existência de modelos altruístas e heroicos na fase de crescimento dos indivíduos, a criação de contacto personalizado que poderá passar pela interculturalidade, tentando incutir empatia, valores de igualdade, solidariedade, e uma visão sociocêntrica do outro. A fomentação de comportamento altruísta heroico pode ser, à nossa vista, realizável recorrendo a inúmeros instrumentos, basta entrar em ação a criatividade e pensar nos diferentes meios onde as crianças e adultos se inserem.

De facto, contacto por si só pode não resolver coisa alguma, como se viu em inúmeros conflitos e experiências, como aqueles que prosseguiram a administração de choques na experiência de Milgram (2013), na qual era pedido ao participante do estudo para segurar a mão do que (falsamente) levava os choques. Ou, afastando-nos do cenário laboratorial, o exemplo dos protestantes e católicos na Irlanda do Norte que viviam na mesma região e dos nazis que serviam de guardas em campos de concentração, que viam os judeus todos os dias, a todas as horas, mas isso não os levou (em geral) a querer ajudá-los. Neste último caso, foi a presença de valores de igualdade que os motivou a auxiliá-los (Oliner & Oliner, 1988), como aqueles que os nossos participantes manifestam. Assim, além de valores de igualdade, o contacto personalizado (Batson, Ahmad, & Stocks, 2004) - uma interação onde os membros de um grupo são levados a confraternizar com membros de outro grupo numa base pessoal e individual- permite reduzir a desvalorização do exogrupo a que o outro pertence. Este fenómeno de *ingroup favoritism* (Jetten, Spears & Manstead, 1996; 1997; 2001) deve ser combatido, pois leva a uma avaliação mais positiva do *ingroup* do que o *outgroup*, o que poderá ser o primeiro passo para a aceitação de condutas vitimizadoras para com o exogrupo, como nos explica Lars

Dencik<sup>7</sup> de como *bystanders* na segunda guerra mundial passaram para perpetradores do “mal” contra os judeus (cit in Edgren, 2012). Em qualquer relacionamento, e neste processo de contacto personalizado com outros, também surge como relevante a importância do perdão, um valor também defendido pelos participantes, para que, mesmo que se incentivem estes momentos entre indivíduos de comunidades com historial de conflito, aprendam a perdoar o outro e como apontou a Irmã, “*quem se magoou, ou quem ficou magoado, que não tenha o desejo de vingança*”. Isto porque sabemos bem o resultado da mágoa e da dor no ser humano, como se vê entre a Palestina e Israel, onde o cessar-fogo é efémero e um ataque é logo seguido por um contra-ataque, dificultando a concretização de acordos de paz (Carter, 2007).

Este contato personalizado, além de acompanhado de valores de igualdade e perdão, tem na sua base uma componente emocional que deve ser cultivada, pois esta pode ser uma pré-condição para a compreensão ou empatia (Brudholm, 2012), servindo assim de valores morais e sociais importantes, que estão presentes nos nossos participantes (igualdade, tolerância ao outro, perdão, solidariedade). A emoção, entendida como das formas mais básicas de apreensão da realidade (Slovic, 2012) deve ser por isso valorizada, ao contrário da desvalorização de que muitas vezes é alvo, sendo em seu lugar a racionalidade apreciada (Brudholm, 2012).

Esperamos que, no futuro, se foque a atenção no que sucede nos momentos de tomada de decisão de ajuda ao outro, se estude mais aprofundadamente o papel da verdade na vida dos que praticam comportamentos altruístas heroicos, assim como o sistema social os influencia: pontos que consideramos importantes para compreender melhor este fenómeno. Desejamos que os exemplos destes indivíduos sejam influenciadores e inspiradores para os outros, e, se fosse possível, seria uma honra divulgar os nomes dos que participaram neste estudo, “desmascarando” estes herois.

*“Quería fugir, sendo que não consigo, ao...amor. Mas não consigo fugir ao amor. Ok? Mas tá muito mal...vivido e explicado o que é o amor. Hm....um amor que inclua possessão não é amor, um amor que inclua facilitismo não é amor... um amor que não signifique- tá a ver, eu não posso fugir ao amor. Hm...mas o amor com maiúscula. Em que as 4 letras sejam em maiúscula. Hm...não há...hm...o problema é que quando se diz agora amor – uma pessoa pergunta mas o que é que -o que é que será que está por trás dessa palavra amor?- e o que se vê...não está saudável. A maneira como*

---

<sup>7</sup> Lars Dencik explicou como, na segunda guerra mundial, houve pessoas que passaram de *bystanders* para perpetradores do “mal”, ou das acções a serem cometidas contra os judeus (cit in Edgren, 2012). O processo contemplaria as seguintes etapas: 1º uma mudança cognitiva; segundo, o poder das normas dentro do grupo, que leva à transmutação da identidade do indivíduo como parte da do grupo; a etapa seguinte deste processo passa pelo conforto da conformidade, altura em que os indivíduos se conformam com as normas do grupo; a quarta etapa passa pela culpabilização da vítima; e, por fim, o último processo tem a ver com a segregação social, que evolui gradualmente de marginalização, radicalização, rejeição, fundamentalismo, para acabar, finalmente, em desumanização.

*relacionamos com a palavra amor não está saudável. E o com o que nós nos relacionamos não é o amor. É uma afetividade desordenada, que tira liberdade ao outro e que tira liberdade a si mesmo, por isso hm....o amor eu diria que é indispensável (Irmã)''.*

## Bibliografia

- Anonymous. (2013). Edward Snowden. Obtido em 11 de Novembro de 2014, de [http://en.wikipedia.org/wiki/Edward\\_Snowden](http://en.wikipedia.org/wiki/Edward_Snowden)
- Arendt, H. (1964). *Eichmann in Jerusalem: A Report on the Banality of Evil*. New York: The Viking Press.
- Asch, S. E. (1956). Studies of Independence and Conformity: I. A Minority of One against an Unanimous Majority. *Psychological Monographs: General and Applied*, 70(9), 1-70.
- Bandura, A. (1971). *Social Learning Theory*. New York: General Learning Press.
- Bandura, A. (2002). Selective Moral Disengagement in the Exercise of Moral Agency. *Journal of Moral Education*, 31(2), 101-119.
- Bandura, A., Barbaranelli, C., Caprara, G. V., & Pastorelli, C. (1996). Mechanisms of Moral Disengagement in the Exercise of Moral Agency. *Journal of Personality and Social Psychology*, 71(2), 364-374.
- Barnett, V. J. (2012). Reflections on the Concept of "Bystander". In T. L. Museum, *Looking at Onlookers and Bystanders* (pp. 35-51). Stockholm: Eskil Franck.
- Batson, C. D., Ahmad, N., & Stocks, E. L. (2004). Benefits and Liabilities of Empathy-Induced Altruism. In A. G. Miller, *The Social Psychology of Good and Evil* (pp. 359-385). New York: The Guilford Press.
- Batson, C. D., Ahmad, N., & Stocks, E. L. (2004). Benefits and Liabilities of Empathy-Induced Altruism. In A. G. Miller, *The Social Psychology of Good and Evil* (pp. 359-385). New York: The Guilford Press.
- Birks, M., & Mills, J. (2011). *Essentials of Grounded Theory*. London: SAGE Publications Ltd.
- Boon, K. A. (2005). Heroes, Metanarratives, and the Paradox of Masculinity in Contemporary Western Culture. *The Journal of Men's Studies*, 13(3), 301-312.
- Brudholm, T. (2012). Mind The Gap(s) Between Memory, History, and Philosophy. In H. Edgren (Ed.), *Looking at Onlookers and Bystanders: Interdisciplinary approaches to the causes and consequences of passivity*. (pp. 117-141). Stockholm: The Living History Forum.

- Carter, J. (2007). *Palestina: Paz, Sim. Apartheid, Não* (1ª ed.). Matosinhos: Quidnovi.
- Comte, A. (1852). *Catéchisme positiviste*. Obtido em Dezembro de 2014, de Les classiques des sciences sociales:  
[http://classiques.uqac.ca/classiques/Comte\\_auguste/catechisme\\_positiviste/catechisme\\_positiviste.html](http://classiques.uqac.ca/classiques/Comte_auguste/catechisme_positiviste/catechisme_positiviste.html)
- Creswell, J. W. (2007). *Qualitative inquiry and research design: Choosing among five approaches* (3ª ed.). Thousand Oaks: SAGE Publications.
- Darley, J. M., & Latané, B. (1968). Bystander Intervention in Emergencies: Diffusion of Responsibility. *Journal of Personality and Social Psychology*, 8(4), 377-383.
- Darley, J. M., & Latané, B. (1968). Group Inhibition of Bystander Intervention in Emergencies. *Journal of Personality and Social Psychology*, 10(3), 215-221.
- Darwin, C. (1871). *The Descent of Man*. Obtido em Novembro de 2014, de <https://www.andrew.cmu.edu/user/jksadegh/A%20Good%20Atheist%20Secularist%20Skeptical%20Book%20Collection/%28e-book%29Darwin%20-%20THE%20DESCENT%20OF%20MAN%20%281%29.pdf>
- Darwin, C. (1872). *The Origins of Species by means of Natural Selection or, The Preservation of Favoured Races in the Struggle for Life*. Obtido em Novembro de 2014, de <https://www.andrew.cmu.edu/user/jksadegh/A%20Good%20Atheist%20Secularist%20Skeptical%20Book%20Collection/Charles%20Darwin%20-%20The%20Origin%20of%20Species%20-%206th%20Edition.pdf>
- Duntley, J. D., & Buss, D. M. (2004). The Evolution of Evil. In A. G. Miller, *The Social Psychology of Good and Evil* (pp. 102-123). New York: The Guilford Press.
- Edgren, H. (2012). The project "Bystanders - Does it matter?". In H. Edgren (Ed.), *Looking at the Onlookers and Bystanders: Interdisciplinary approaches to the causes and consequences of passivity*. (pp. 13-33). Stockholm: The Living History Forum.
- Edward Joseph Snowden. (2014). Obtido em 11 de Novembro de 2014, de The Biography.com website: <http://www.biography.com/people/edward-snowden-21262897>.
- Gellman, B. (9 de Junho de 2013). *The Washington Post*. Obtido em 11 de Novembro de 2014, de The Washington Post: <http://www.washingtonpost.com/world/national-security/code-name-verax->

snowden-in-exchanges-with-post-reporter-made-clear-he-knew-risks/2013/06/09/c9a25b54-d14c-11e2-9f1a-1a7cdee20287\_story.html

- Hansen, R. A., & Robinson, L. M. (1980). Testing the Effectiveness of Alternative Foot-in-the-Door Manipulations. *Journal of Marketing Research*, 17, 359-364.
- Jetten, J., Spears, R., & Manstead, A. S. (1996). Intergroup Norms and Intergroup Discrimination: Distinctive Self-Categorization and Social Identity Effects. *Journal of Personality and Social Psychology*, 71(6), 1222-1233.
- Jetten, J., Spears, R., & Manstead, A. S. (1997). Distinctiveness threat and prototypicality: combined effects on intergroup discrimination and collective self-esteem. *European Journal of Social Psychology*, 27, 635-657.
- Jetten, J., Spears, R., & Manstead, A. S. (2001). Similarity as a source of differentiation: the role of group identification. *European Journal of Social Psychology*, 31, 621-640.
- Kahn, D. T. (2009). *Bystander intervention and norm shifting: A social psychological research overview*. Stockholm: Living.
- Kahn, D. T. (2012). Norm Shifting and Bystander Intervention. In H. Edgren (Ed.), *Looking at Onlookers and Bystanders: Interdisciplinary approaches to the causes and consequences of passivity* (pp. 67-82). Stockholm: The Living History Forum.
- Latané, B., & Darley, J. M. (1969). Bystander "Apathy". *American Scientist*, 2(57), 244-268.
- Leyens, J.-P., & Yzerbyt, V. (2008). *Psicologia Social*. Lisboa: Edições 70.
- McGregor, R. (13 de Dezembro de 2013). *Intelligence: the all-seeing eyes*. Obtido em 2 de Dezembro de 2014, de Financial Times: <http://www.ft.com/intl/cms/s/0/719f86bc-63ea-11e3-98e2-00144feabdc0.html#axzz3LUxZULZ7>
- Milgram, S. (2013). *Obedience to Authority: An experimental View*. London: Pinter & Martin.
- Miller, A. G. (2004). What Can The Milgram Obedience Experiments Tell Us About the Holocaust? In A. G. Miller, *The Social Psychology of Good and Evil* (pp. 193-239). New York: The Guilford Press.
- Oliner, S. P., & Oliner, P. M. (1988). *The Altruistic Personality*. New York: The Free Press.

- Porpora, D. V. (Junho de 1996). Personal Heroes, Religion, and Transcendental Metanarratives. *Sociological Forum*, 11, 209-229.
- Ritchie, J., & Lewis, J. (2003). *Qualitative Research Practice: A Guide for Social Science Students and Researchers*. SAGE Publications.
- Slovic, P. (2012). "If I look at the mass I will never act": Psychic Numbing and Genocide. In T. L. Museum, *Looking at Onlookers and Bystanders* (pp. 85-113). Stockholm: Eskil Franck.
- Staub, E. (2004). Basic Human Needs, Altruism and Agression. In A. G. Miller, *The Social Psychology of Good and Evil* (pp. 51-84). New York: The Guilford Press.
- Sternberg, R. J. (2008). *Psicologia Cognitiva* (4ª ed.). Porto Alegre: artmed.
- The Living History Forum. (2012). *Looking at the Onlookers and Bystanders*. Estocolmo: Eskil Franck.
- Walsh, J. (3 de Outubro de 2013). *The Christian Science Monitor*. Obtido em 23 de Novembro de 2014, de <http://www.csmonitor.com/World/Europe/2013/1003/Golden-Dawn-five-things-to-know-about-Greece-s-neo-Nazi-party/Why-is-the-government-cracking-down-on-Golden-Dawn-now>
- West, S. A., Gardener, A., & Griffin, A. S. (s.d). Altruism. *Current Biology*, 16 (13).
- Wills, T. A., & Resko, J. A. (2004). Social Support and Behavior Toward Others. In A. G. Miller, *The Social Psychology of Good and Evil* (pp. 416-444). New York: The Guilford Press.
- Zimbardo, P. (2004). A Situationist Perspective on the Psychology of Evil: Understanding How Good People Are Transformed to Perpetrators. In A. G. Miller, *The Social Psychology of Good and Evil* (pp. 21-50). New York: The Guilford Press.
- Zimbardo, P. (2008). *The Psychology of Evil in Ted Talks*. California.
- Zimbardo, P. (2009). *The Lucifer Effect: How Good People Turn Evil*. Croydon: Rider.
- Zimbardo, P. (s.d.). Why the world needs heroes. *Europe's Journal of Psychology*, 3, 402-407.

**Anexo 1.** Guião de EntrevistaIntrodução (Parte do Consentimento Informado)

A presente entrevista insere-se no âmbito de uma investigação de mestrado da Faculdade de Educação e Psicologia da Universidade Católica Portuguesa destinada a perceber o comportamento altruísta e heroico. Os dados revelados serão tratados com toda a confidencialidade e, caso autorizado, a entrevista será gravada em formato áudio para garantir uma maior exatidão dos dados, sendo utilizada unicamente para o fim da tese.

Pede-se ao participante que responda às questões com a maior honestidade e, se houver questões às quais queira deixar de responder ou caso queira cessar a entrevista, é inteiramente livre de o fazer, visto que a sua participação é voluntária.

Muito obrigada pela sua colaboração neste projeto.

Parte Introdutória do guião por parte do entrevistador

“Desde já gostaria de agradecer a sua participação nesta entrevista. Antes de começar vou-lhe informar que a entrevista está dividida em 5 partes. A primeira foca a sua infância, adolescência, o seu percurso académico e profissional, etc. A segunda parte refere-se á sua família, e as relações dentro desta, a terceira focará como você se vê em relação a si mesmo, os seus valores, crenças, etc. Na quarta secção iremos tentar perceber como você lidou com conflitos ao longo da sua vida e na última secção iremos explorar o seu trabalho como bombeiro voluntário. Antes de começarmos tem alguma questão que gostaria de colocar?”

“Vamos começar então.”

**Secção 1.**

Nesta parte o objetivo é perceber as fases da vida da infância e da adolescência do participantes de forma a perceber se nessas alturas existem factores que possam ajudar a explicar a sua motivação para trabalhar como bombeiro voluntário. Fica-se a conhecer nesta secção indicadores como a localização geográfica do seu crescimento, do número de pessoas com quem vivia, o seu nível de escolaridade e percurso académico e profissional. Algumas destas informações irão ser exploradas à frente de forma mais aprofundada.

1. Onde é que nasceu? Em que país e cidade?
2. Onde cresceu? Viveu sempre no mesmo sítio ou viveu em sítios diferentes?
  - a. Se viveu em sítios diferentes → Onde viveu? Durante quanto tempo?
3. O sítio onde viveu (ou os sítios), era uma cidade grande, média ou uma vila ou aldeia?
4. Pode-me falar da sua infância? Por exemplo, de quando tinha 5, 10 anos...
  - a. Pode-me descrever alguns momentos significativos da sua infância?
5. E em relação à sua adolescência (isto é, de quando tinha entre os 11 e os 20 anos), como era a sua vida nessa altura?
  - a. Pode-me descrever alguns momentos significativos dessa altura?
6. Com quem viveu enquanto cresceu? (*escrever os nomes e parentescos para explorar no ponto seguinte*)
  - a. Vivia com os seus pais?
7. Qual é o seu grau de escolaridade?
8. Pode-me descrever o seu percurso escolar?

*Se esteve na universidade, seguir para ponto 9 (se não, saltar para ponto 10)*

9. Como foi a sua entrada para a universidade?
  - a. Qual foi o seu curso?
    - i. Porque o escolheu?
  - b. Quais foram as suas motivações na altura?
  - c. Pode-me descrever alguns momentos significativos dessa altura?
10. E em relação ao seu percurso profissional, podia-me falar sobre ele?
  - a. Houve alguns momentos significativos dessa altura? Pode falar-me deles?
11. Gostou do(s) emprego(s) que teve? De que maneira?

**Secção 2.**

Nesta secção exploramos as relações que tinha com as pessoas mais próximas a si durante a sua vida, a sua família, companheiros... Tenta-se perceber se a educação e valores apreendidos neste meio possam ter contribuído para a sua escolha em tornar-se bombeiro voluntário/médico sem fronteiras/irmã, actividades ligadas ao comportamento altruísta/heroico que pretendemos estudar.

“Aqui gostaria de falar sobre a sua família, como referiu, viveu com ....., .....,..... “

12. Diria que a sua família era muito próxima, mais ou menos, pouco ou de todo próxima?

13. Agora gostaria de focar na sua relação com o seu pai. *(se viveu com ele)*

a. Como era a vossa relação?

b. O seu pai era uma pessoa religiosa? *(se não saltar para ponto seguinte c.)*

i. Qual era a sua religião? Era dedicado? De que maneira? *(perceber os motivos)*

ii. O seu pai educava-vos para essa religião?

c. Quais são os valores que o seu pai lhe transmitiu?

d. Qual diria ser a lição mais importante que o seu pai lhe ensinou?

e. Existem alguns momentos significativos da sua relação com o seu pai que gostaria de exprimir?

14. Agora gostaria de focar na sua relação com a sua mãe. *(se viveu com ela)*

a. Como era a vossa relação?

b. A sua mãe era uma pessoa religiosa? *(se não saltar para ponto seguinte c.)*

i. Qual era a sua religião? Era dedicada? De que maneira?

ii. A sua mãe educava-vos para essa religião?

c. Qual diria ser a lição mais importante que a sua mãe lhe ensinou?

d. Existem alguns momentos significativos da sua relação com o seu pai que gostaria de exprimir?

15. Como definiria ou descreveria a educação que os seus pais lhe deram?

a. Concorda com a educação que recebeu?

i. De que maneira? *(se sim ou não)*

16. A educação que recebia de um (do pai p.e.) diferia em relação à educação do outro? *(se esta pergunta foi respondida através das questões anteriores passar para o ponto seguinte 17)*

a. De que maneira? *(se sim)*

17. Tem irmãs ou irmãos? *(se já tinha referido, perguntar diretamente como era a relação com estes)*

- a. Que idade têm? Qual é a diferença de idades entre eles?
  - b. Como era a sua relação com eles?
18. Houve mais alguém a viver consigo durante a sua vida? Eram amigos, familiares, vizinhos? *(se não passar para o ponto seguinte)*
- a. Como era a sua relação com eles?
19. Como definiria o vosso estado económico ou qualidade de vida enquanto crescia?

Modelos de referência (as pessoas mais marcantes em termos de valores e exemplos de vida)

20. Qual foi a(s) pessoa(s) que tiveram mais influência sobre si enquanto cresceu?
21. Como era a sua relação com essa pessoa?
22. O que fazia essa pessoa enquanto cresceu, ou a conheceu?
23. Esta pessoa tinha uma religião?
24. Quais foram as coisas mais importantes que esta pessoa lhe ensinou?

**Secção 3.**

Nesta secção pretende-se que o participante reflita sobre si mesmo e o que considera importante na sua vida. Exploramos os valores que defende, o lado religioso e espiritual, o seu grau de auto-conhecimento, fazendo este reflectir sobre si próprio e perceber se esta informação pode ajudar a perceber a sua motivação como bomberio voluntário/médico sem fronteiras/irmã ou para ter comportamentos altruístas heroicos.

25. Diria que tem valores pelos quais considera importante seguir na sua vida?
  - a. Quais são?
26. Se tivesse que aconselhar alguém, que valores acharia importante terem na sua vida?
27. Como se definiria a si mesmo?
28. Como acha que os outros o vêem?
29. O que gosta em si?
30. O que acha que podia melhorar em si?
31. Considera-se uma pessoa religiosa? (*se não, passar para ponto 32*)
  - a. Que religião pratica?
  - b. Como é que essa religião entrou na sua vida?
  - c. A sua fé alterou-se em alguma altura durante a sua vida?
    - i. Porquê?
  - d. Quais são as lições mais importantes que aprendeu sobre a vida devido à sua religião?
32. Considera-se uma pessoa espiritual? (*se não passar para o ponto 43*)
  - a. De que maneira?
33. Existem momentos significativos da sua vida que pensa que ajudaram a definir a pessoa que é?
34. O que é que você admira nas outras pessoas?
35. O que é que não aprecia nas outras pessoas?
36. Enquanto crescia tinha muitos amigos?
  - a. Diria que tinha muitos amigos próximos, alguns, poucos ou nenhuns?
37. Como é que você se descreveria na interação com eles?
38. Entre o seu grupo de amigos, geralmente fazia o que eles faziam ou opunha-se a algumas coisas?
  - a. Que tipo de coisas é que se oponha? Pode dar-me um exemplo?
39. Diria que os seus amigos eram de níveis sociais diferentes?
40. Tinham religiões diferentes à sua?

Momento de administração do Questionário de auto-avaliação entregue em papel separado para preenchimento por parte do entrevistado

Agora gostaria de falar sobre as suas qualidades, pode dizer-me de entre a lista seguinte aqueles que acha que tem muito, alguma, pouca ou de todo?

41. Tem algum “lema de vida?”

a. Se sim, qual é?

**Secção 4.**

Aqui o objetivo é explorar as atividades altruístas heroicos do indivíduo.

42. Alguma vez se voluntariou ou trabalhou em programas comunitários?
  - a. De que tipo de atividade(s) se tratava(m)?
  - b. O que sentia ao fazê-lo?
43. Porque decidiu ser bombeiro voluntário/médico sem fronteiras/Irmã?
44. Qual foi a reação dos seus próximos nessa altura?
45. Quais diriam ser os *high-points* do seu percurso?
46. Quais diriam ser os *low-points* do seu percurso?
47. Quais são as vantagens, ou os prós, para si, de trabalhar como bombeiro voluntário/médico sem fronteiras/Irmã?
48. Quais são, por outro lado, as desvantagens, os “contras”, para si, de trabalhar como bombeiro voluntário/médico sem fronteiras/Irmã?
49. Pode descrever-me o seu percurso como bombeiro voluntário/médico sem fronteiras/Irmã?
50. O que pensa sobre o seu trabalho?
51. Podia-me descrever um dia normal de trabalho?
52. Podia-me descrever um dia ou momento particularmente importante do seu trabalho?
53. Já estive nalguma situação de perigo iminente?
  - a. O que aconteceu?
  - b. O que sentiu nessa altura?
54. O que sente sobre poder ter que ir para uma situação onde a sua vida estará em risco?
55. Sente-se apoiado no seu trabalho?
56. Alguma vez esteve em perigo ou em risco por contrariar alguma entidade? (*se não ocorreu, passar para o ponto seguinte*)
  - a. Pode descrever-me o que aconteceu?
57. Alguma vez fez alguma coisa fora do comum ou se pôs numa situação de perigo para defender as suas crenças? (*se não ocorreu, passar para o ponto seguinte*)
  - a. Pode descrever-me um momento?
    - i. Estava sozinho?
    - ii. Qual era a reação das pessoas à sua volta?
    - iii. O que sentiu nesse momento?
58. Alguma vez arriscou a sua vida por outra pessoa? (*se não ocorreu, passar para a conclusão da entrevista*)
  - a. Pode descrever-me um momento?
    - i. Estava sozinho?
    - ii. Qual era a reação das pessoas à sua volta?

iii. O que sentiu nesse momento?

Conclusão

“Penso que já recolhi a informação necessária sobre si e a sua experiência, resta-me agradecer profundamente pelo seu tempo despendido connosco e a sua ajuda para com este projeto. Existe mais alguma informação que queira acrescentar?”

## Anexo 2. Tabela de Categorias

Categoria de 1ª Geração	Categoria de 2ª Geração	Categoria de 3ª Geração	Categoria de 4ª Geração	Exemplo	Descrição	Fontes	Referências
Princípios e Reflexões (114/890)	Princípios, Valores defendidos (63/114)	Capacidade de entrega e Determinação (2/63)	-	I: <i>“admiro nos outros sobretudo a capacidade de ...quando acontece...de entrega não é. Hm....pessoas que se entregam, pessoas que trabalham.”</i>	Esta categoria engloba unidades de registo referentes à valorização da capacidade de entrega e de determinação	2/3	2
		Sentido de responsabilidade pessoal pelo outro (5/63)	-	I: <i>“Tás é sem ser capaz de fazer outra coisa. Ok? Esta história do advocacy, do defender. Hm....do advogar a causa de outros.”</i>	Esta categoria engloba unidades de registo que apontam para o princípio ou reflexão sobre a responsabilidade pelo outro no discurso dos participantes	2/3	5
		Honestidade e Verdade (10/63)	-	M: <i>“a verdade acho que é o fundamento da...(...) Acho que é um dos, das bases mais importantes para que as coisas corram bem individualmente e colectivamente.”</i>	Consta nesta categoria a presença de valores que têm na sua essência a honestidade, estando assim associados a valores de verdade, genuidade, frontalidade e lealdade	3/3	10
		Amor, Amizade, Solidariedade, Fraternidade (11/63)	-	I: <i>“agora tou a falar de solidariedade. Eu acho que é um valor que se tem que- não é um valor mas hm...fala-se muito de solidariedade e eu creio que sim, creio que é necessário.”</i>	Aqui constam todos os valores e princípios que estão ligados ao amor, seja na forma de amizade, solidariedade, fraternidade	3/3	11
		Perdão (4/63)	-	M: <i>“acho que é muito importante saber perdoar.”</i>	Esta categoria inclui todas as unidades de	2/3	4

			registro onde os participantes evocam a importância do perdão		
Igualdade e Respeito pelas diferenças (6/63)	-	B: <i>“As pessoas para mim são todas iguais. Ainda hoje são porque eu não distingo um doutor dum cantoneiro ou dum pedreiro...Para mim as pessoas são todas iguais. Não, nunca tomei...nunca tomei partido por nada.”</i>	Aqui constam valores que promovem a tolerância e respeito ao outro, e, a igualdade	2/3	6
Importância de educar para o bem e ser boa pessoa (7/63)	-	I: <i>“Mas se excelência é pessoas que têm a noção do bem comum e que vão dedicar a sua vida ao serviço do bem comum então sim, isso é excelência. Tem que se formar muito bem para poder servir muito bem. “</i>	Esta categoria contém referências à importância da educação para o bem, ser pessoa, ao valor da bondade	2/3	7
Lutar pela justiça, Coragem (8/63)	-	I: <i>“Admiro os que trabalham pela justiça... aqueles que são capazes de defender o outro...em ser voz daqueles que não têm voz...”</i>	Esta categoria contém referências à importância e ao valor dado aos que lutam pela justiça e que são corajosos	2/3	8
Respeito pela autoridade (10/63)	-	B: <i>“Esse respeito, porque as pessoas pensam que a gente pode ter muita confiança com a pessoa mas, se a pessoa tá numa hierarquia, num serviço que a gente tem, ele tá acima temos que respeitar essa.... “</i>	Constam nesta categoria unidades de registro referentes à importância de respeitar a autoridade, seja na sua forma terrena como divina	3/3	10

Características criticadas na sociedade (51/112)	Desonestidade, existência de interesses (21/51)	-	B: “ (...) eu vejo aqui certas e determinadas coisas que as pessoas às vezes querem, não sei, querem por um objectivo aqui ir atingir outro. (...) há gente no voluntário, principalmente nos bombeiros, nos bombeiros porque as pessoas levam muito o interesse delas à frente e não o contrário.”	Constam nesta categoria críticas à desonestidade, à mentira, à corrupção, ao suborno e à existência de interesses	3/3	21
	Falta de humildade, Arrogância (2/51)	-	M: “Não aprecio pessoas que não se questionam.”	Aqui constam unidades de registo onde se faz crítica à falta de humildade e à arrogância	2/3	2
	Fanatismos e Fundamentalismos (3/51)	-	B: “Mas não posso com nada de fanatismos. Fanatismos para mim, sejam religiosos, políticos, seja-.”	Nesta categoria estão cotadas unidades de registo onde referentes a críticas a fanatismos políticos, religiosos	1/3	3
	Ignorância (4/51)	-	I: “Nós somos um país mal plantado e chega-nos muito pouca informação sobre o mundo (...) O nível das televisões do nosso país tá ao nível do que eu vejo em África, que é notícias sobre o país e pouco mais, e assim fica o país na inópia e ninguém sabe o que tá a acontecer. Quanto menos informação, mais nós somos manipulados, mais ovelhinhas (...)”	Constam nesta categoria unidades de registo que apontam para a crítica à ignorância	2/3	4

		Egoísmo, aproveitar o sofrimento do outro (5/51)	-	M: “(...) <i>não aprecio pessoas que não se preocupam com os outros.</i> ”	Constam nesta categoria unidades de registo que se referem a pessoas que se preocupam apenas com elas próprias ou tiram proveito do outro para seu benefício	3/3	5
		Diferenças do passado relativamente ao presente (16/51)	-	M: “ <i>Acho que as pessoas agora também são mais, antigamente as pessoas eram mais abertas, mais solidárias, mais solidárias uns com os outros.</i> ”	Esta categoria engloba unidades de registo que refletem críticas à actualidade, como a falta de respeito pela autoridade ou de solidariedade	2/3	16
Características da Personalidade (109/890)	Auto-Conceito (35/109)	Qualidades apreciadas em si (22/36)	Falta de rancor (2/22)	B: “(...) <i>da minha maneira de pensar não sou rancoroso.</i> ”	Cotam-se nesta secção unidades de registo que apontam a apreciação da falta de rancor na personalidade do participante	1/3	2
			Honestidade (4/22)	M: “ <i>Gosto de ser verdadeiro.</i> ”	Cotam-se nesta secção unidades de registo que apontam a apreciação da honestidade (e sinónimos adjacentes), na personalidade do participante	2/3	4
			Auto-controlo, calma (2/22)	B: “ <i>Só não...passei, não passei a outra fase porque ....a minha...ai funciona o meu, o tal meu controle.</i> ”	Nesta categoria estão presentes unidades de registo que apontam para a existência de controlo na personalidade do participante	1/3	2

	Altruísmo ou abnegação, dedicar aos outros (4/22)	B: <i>“Isso sempre foi a minha filosofia de vida, foi...não, não quero que ninguém fique prejudicado por minha causa. E...tenho-me dado bem, tenho-me dado muito bem com isto.”</i>	Cotam-se nesta secção unidades de registo referentes à apreciação do altruísmo, ou características adjacentes de dedicação ao outro na personalidade do participante	2/3	4
	Abertura e Tolerância para com os outros (5/22)	I: <i>“Que eu, de coração já estava muitíssimo virado, sempre estive muitíssimo virado para fora.”</i>	Cotam-se nesta secção unidades de registo referentes à abertura aos outros, na personalidade do participante	3/3	5
	Alegria, Apreciar a vida (4/22)	I: <i>“(...) olha aprecio muitíssimo a vida, e acho que por isso aprecio muitíssimo a vida, não sei explicar, e... acho que por isso mesmo, tudo o que seja falta de vida provoca-me a querer responder.”</i>	Cotam-se nesta secção unidades de registo referentes à alegria, ao apreciar da vida, na personalidade do participante	1/3	4
	Resiliência (1/22)	I: <i>“Sou resiliente, gosto disso.–“</i>	Cotam-se nesta secção unidades de registo referentes à apreciação da resiliência na personalidade do participante	1/3	1
Aspetos apontados a melhorar em si (13/ 36)	Ouvir mais os outros (1/13)	B: <i>“Acho que ainda devia...devia ouvir mais certas e determinadas pessoas (...)”</i>	Esta categoria engloba unidades de registo que apontam para a crítica de ouvir mais os outros na personalidade do participante	1/3	1

			Auto-controlo, (11/13)	M: “(...) <i>auto-controlo, às vezes falta-me um bocadinho...Acho que- o que é que eu poderia melhorar em mim.</i> ”	Esta categoria engloba unidades de registo que apontam para a crítica da falta de auto-controlo, falta de paciência, frontalidade exagerada, na personalidade do participante	3/3	11
			Egoísmo (1/13)	M: “ <i>Acho que sou um bocado egoísta, e vou tentando, tento não ser.</i> ”	Esta categoria engloba unidades de registo que apontam para a crítica do egoísmo na personalidade do participante	1/3	1
			Coragem, Lutador da Justiça (26/109)	M: “ <i>Tou-me a lembrar por exemplo em África pá várias vezes a polícia me tentou subornar e eu em relação a isso sou um bocado intransigente. Não era só por não dar mais um dou dois euros, era uma convicção de – não, não vou estar a contribuir para esta merda em que vocês apoiam a vossa sociedade.</i> “	Esta categoria engloba unidades de registo que apontam para a presença de coragem e luta pela justiça, aspectos acompanhados de uma percepção de risco e perigo mas sem fazer a pessoa ir embora	3/3	26
			Honestidade (5/109)	I: “ <i>Tu enfrentas-te, acontece tu enfrentas-te, não com gritos, não com violência. Mas em dizendo a verdade.</i> ”	Esta categoria engloba unidades de registo que apontam para a presença de traços de honestidade na personalidade do participante	2/3	5
			Inconformismo e Responsabilidade (20/109)	M: “ <i>E se calhar tive muita maturidade, (...) quando, principalmente, os rapazes nessa fase às vezes faltava</i>	Esta categoria engloba unidades de registo que apontam para a presença de traços de resistência a	3/3	20

			<i>alguma maturidade. Eu tive a maturidade de saber o que queria e com muita convicção para abdicar de muitas...muitos divertimentos não é, para ficar em frente aos livros.”</i>	influências, independência e responsabilidade na personalidade do participante				
Influências (292/890)	Relações Familiares com os Pais (61/275)	-	-	B: “(...) depois aos 15 anos o meu pai “Vais para casa tens que dar uma mensalidade para, para dormires cá, comeres cá e teres a roupa lavada a não sei quê, eu quero é x ao fim do mês, tinha que levar uma- (...) uma mesada(...)” M: “Olha, primeiro, acho que conseguiu misturar um acompanhamento muito próximo mas com muita liberdade.	Cotam-se nesta categoria as unidades de registo referentes à relação com os pais e às práticas educativas, valores, lições apreendidas através destes	3/3	20	
	Figuras profissionais (5/24)		-	M: “E então esse meu patrão foi uma das coisas...foi prejudicado muitas vezes e ele disse “Antes quero ser prejudicado que prejudicar alguém.E esse homem para mim, tanto que ele foi o meu único patrão na vida.”	Esta categoria inclui unidades de registo referentes à existência de figuras profissionais como modelos de referência na vida do participante	2/3	5	
	Modelos de referência (24/275)			Professores (3/24)	-	I: “Tive como referência também alguns professores na escola. Ainda me continuo a lembrar por exemplo do nome da minha educadora quando tinha 5 anos (...) aquela mulher, que eu já nem devo, que já não reconheço o rosto	Esta categoria inclui unidades de registo referentes à existência de professores como modelos de referência na vida do participante	1/3

			<i>mas teve uma importância incrível nos meus 5 anos. ”</i>		
	Família (3/24)	-	M: <i>“A minha mãe destaca-se assim, claramente de todos os outros. Gosto muito do meu pai e da minha irmã, mas a minha mãe teve sempre uma proximidade muito grande e um acompanhamento de tudo o que eu fiz muito próximo. Ao longo da minha vida e ainda hoje.”</i>	Esta categoria inclui unidades de registo referentes à existência de elementos familiares como modelos de referência na vida do participante	2/3 3
	Figuras religiosas (5/24)	-	I: <i>“A figura de Jesus Cristo. E para mim ele é a referência por excelência. ... É a pessoa, pronto...Para mim, completamente. “</i>	Esta categoria inclui unidades de registo referentes à existência de figuras religiosas como modelos de referência na vida do participante	1/3 5
	Religião (18/275)	-	I. <i>“tinha tido uma experiência forte, aquilo que chamamos Deus então, porque durante imenso tempo não, não liguei nada, e ....tive uma experiência forte de...de...identifiquei Deus numa experiência forte que fiz e ...e, comecei uma caminhada, um percurso também aí de...de perceber que aquilo que eu queria por onde a minha vida passasse era de fato perceber o que Deus quer e ... fazê-lo (...)”</i>	Aqui cotam-se unidades de registo que remetem para a influência da religião na vida do participante	1/3 18
Valores, lições, Práticas Educativas	Honestidade e Frontalidade (3/80)	-	B: <i>“A minha mãe sempre foi muito frontal com a gente. E então, ela...dizia-nos, dizia-</i>	Aqui cotam-se unidades de registo que remetem para a influência de	1/3 3

recebidas (80/ 275)		<i>nos aquilo que pensava e...foi isso que aprendi a ser com ela. Sempre dizer as coisas na cara às pessoas.“</i>	valores de honestidade e frontalidade recebidos na vida do participante		
Responsabilidade e liberdade conjunta (16/80)	-	I: <i>“Eu diria liberdade e responsabilidade conjunta. Ajudar-nos a escolher.”</i>	Aqui cotam-se unidades de registo que remetem para a influência de valores responsabilidade e liberdade recebidos na vida do participante	1/3	3
Pró-sociais, Altruístas, ou Dedicção ao outro (23/80)	-	M: <i>“acho que é extremamente boa pessoa, com uma preocupação muito grande pelo bem estar dos outros, com um sentido de altruísmo muito genuíno, muito puro, e ...pronto, foi ao lado dessa pessoa que eu cresci e acho que me ajudou a moldar muito coisas que eu acho que eu gosto na minha personalidade.”</i>	Nesta categoria consta-se práticas educativas, valores ou lições apreendidas que traduzem a dedicação ao outro, na forma de serviço, gratidão, altruísmo e abnegação e abertura para o outro	3/3	23
Humildade e Simplicidade (5/80)	-	B: <i>“A minha mãe era uma pessoa carinhosa, muito carinhosa, muito...humilde.”</i>	Aqui cotam-se unidades de registo que remetem para a influência de valores de humildade e simplicidade recebidos na vida do participante	2/3	5
Entrega e Confiança no futuro (3/80)	-	I: <i>Entrega até ao fim...Sim, deixas de ter a posse da tua vida, não no mau sentido, de panhonha, de não saber onde é que vai,. Não, mas...e que isto...hm...o olhar para isto, saber que é uma história que está a construir para além desta e que tu estás a ajudar</i>	Aqui cotam-se unidades de registo que remetem para a influência de valores de entrega e confiança no futuro recebidos na vida do participante	1/3	3

			<i>nesta construção. Hm... dá-te muitíssima humildade e desprendimento. Ou seja, tu dás-te até ao fim mas não tens a compulsão de querer resultados.”</i>		
Liberdade de Cristo (2/80)	-	<i>I: E isto é uma coisa que- e nós que somos crentes, unindo Ana aquilo que te disse sobre a história de <b>quem</b> está a construir isto tudo, percebes, só tu sabes isso, dá-te uma liberdade que muita gente não tem. Então essa liberdade que te dá Cristo, em situações tipo, hm...são, importantíssimas que aconteçam que estejam lá.”</i>	Aqui cotam-se unidades de registo que remetem para a influência da liberdade <b>que</b> a vida consagrada pressupõe na vida do participante	1/3	2
Apoio (9/80)	-	<i>M: “Tem a ver sim com uma relação de cumplicidade muito grande, de um apoio incondicional em todos os momentos, que nunca deixou margem para dúvida, hm, em momentos fáceis, difíceis, e mais ou menos, e é mais nesse sentido que sempre foi uma mãe muito próxima e muito...muito protectora, na preocupação do bem estar dos filhos.”</i>	Nesta categoria estão presentes unidades de registo que reflectem práticas educativas de apoio e afeto	3/3	9
Exigência (10/ 80)	-	<i>B: “(...) o meu pai era mais assim de chapada. Quando a gente se portava mal ou...se a gente fazia alguma coisa que ele pensava que estava mal.”</i>	Cotam-se nesta categoria as unidades de registo referentes a práticas educativas exigentes que envolviam punição física	2/3	10

Momentos marcantes da vida (22/275)	Experiências de contato com outros (18/22)	-	M: <i>"(...) foi lá que eu vi África hm...pela primeira vez e houve alguns momentos, eu lembro.me particularmente de um momento em Maputo numa feirinha que havia lá, pobrérrimo, e tu vês uma miséria humana (...) e essa pobreza extrema fez-me confusão e ficou ali qualquer coisa a germinar ali dentro. ... Depois à medida que fui crescendo como médico a sensação de que podia doar os meus conhecimentos a zonas onde eles são ainda mais importantes hm...fez-me procurar ONG's que me dessem essa oportunidade."</i>	Aqui cotam-se unidades de registo referentes a experiências de contato com outros que possam ter contribuído para as futuras acções altruístas e de dedicação ao outro	2/3	18
	Problema de saúde (4/22)	-	M: <i>"foi completamente uma reação causa-consequência de ir a um médico, ir a outro, não sei quê, ir fazer fisioterapia, tentar este tratamento, tentar outro e a frustração sempre a aumentar e a tristeza de não conseguir o que queria e a vivência com médicos e a frustração de não poder ser tratado...A forma como lidei com as minhas emoções foi – se eu não conseguir vou tentar que alguém consiga um dia. Um dia, superar este desafio (...)"</i>	Aqui cotam-se unidades de registo referentes à experiência de problemas de saúde que possa ter contribuído para as futuras acções altruístas e de dedicação ao outro	1/3	4
Fase da Vida	Infância (51/87)	-	I: <i>"Que eu, de coração já estava muitíssimo virado,</i>	Aqui cotam-se as unidades de registo	3/3	51

	(87/275)			<i>sempre estive muitíssimo virado para fora e isto foi-me inculido a nível de família.”</i>	referentes à presença dos factores influenciadores apontados acima na altura da infância da vida do sujeito		
		Vida Adulta (36/87)	-.	<i>I:“(.)vivia numa residência universitária internacional. Digo isto porque foi uma experiência de universalidade muito forte, hm, muitíssimo forte porque era uma residência universitária, E era internacional por isso ali havia gente de todo o mundo, e com todas as histórias.”</i>	Aqui cotam-se as unidades de registo referentes à presença dos factores influenciadores apontados acima na altura da idade adulta na vida do sujeito	3/3	36
	Desafio a figuras de autoridade (11/375)	-	-	<i>M: “O polícia, até podia ter razão mas, eu até podia ser multado mas não estava disposto a dar-lhe dinheiro pelo suborno. “</i>	Aqui cotam-se unidades de registo referentes ao desafio de autoridade	2/3	11
Experiências de vida ligadas ao comportamento altruísta heroico (375/ 890)	Situações de perigo (37/ 375)	-	-	<i>I: “(...) depois perigo iminente, de situação minha, sim, no norte de Maçi, naquela zona, as balas passaram por cima de nós ou ... porque era contexto ainda de guerrilha.”</i>	Aqui insere-se um conjunto de situações de perigo para o sujeito que o puseram em risco de vida	3/3	37
	Voluntariado,Atividades dedicadas ao outro (89/ 375)	-	-	<i>I: “ Ali no 25 de abril, com retornados, eu e um grupo de amigos íamos hm, porque havia pessoas que ficaram mesmo no aeroporto durante algum tempo então formavam com os cadeirões do aeroporto as zonas de famílias...então íamos distribuir- foi uma altura</i>	Aqui englobamos todas as atividades de caráter altruísta, seja do percurso profissional, voluntariado, projetos comunitários, apoio humanitário em geral	3/3	89

			<i>muito complicada. E íamos para o aeroporto distribuir as sandes ou a arrozada pelas pessoas, pessoas refugiados que vinham de África com as mãos nos bolsos.”</i>			
	Adolescência (5/122)	-	<i>I. “Aos meus 13 anos comecei a dar aulas de alfabetização com outro amigo meu. Eramos 2 miúdos autênticos, a adultos (...) à noite, aulas de literacia, de alfabetização a adultos.”</i>	Aqui cotam-se todas as unidades de registo referentes ás experiências de vida associadas a atos altruístas heróicas que ocorreram durante a adolescência do participante	1/3	5
Fase da vida (122/375)	Idade adulta (117/122)	-	<i>B:”Aquilo foi uma coisa que dificilmente a gente se esquece, ah, que aquilo era um...a gente sai daqui, portanto a estrutura, chegamos aqui ao largo do rato, que é daqui a 300, 400, 500 metros, e vimos uma tocha a arder, aquilo parecia uma tocha mesmo. Chegamos, fomos para o largo do, fomos para a rua do Ouro, e tivemos lá, tive lá 3 dias. Na altura tinha casado há ano e meio, tive 3 dias que a minha mulher andava à minha procura.”</i>	Aqui cotam-se todas as unidades de registo referentes ás experiências de vida associadas a atos altruístas heróicas que ocorreram durante a vida adulta do participante	3/3	117
Motivações (50/375)	Vontade e dever de ajudar (15/50)	-	<i>M: “(...)por ser apaixonada por a cena de salvar vidas a anestesia, (...) é uma especialidade muito ligada à emergência. Ao INEM, ao, ao salvar a vida no imediato. E...foi isso que me levou a</i>	Aqui cotam-se todas as unidades de registo referentes á motivação de ajudar o outro nas suas açções associadas ao altruísmo e heroísmo	3/3	15

		<i>escolher a anestesia. Foi querer salvar vidas.”</i>			
Pessoais (35/51)	Gosto pelo trabalho (11/35)	<i>B: “É, quem corre por gosto não cansa, e... todos os dias levanto-me as 6 horas da manhã e só me deito 10, 11 horas e quando é preciso... já não toca muito mas há noites em que, ainda noutra dia, por acaso já não acontecia há muito tempo, às 4 da manhã é que eu fui pá cama. E às 6 horas levantei-me! Mas não, na boa (...).”</i>	Aqui cotam-se todas as unidades de registo referentes ao gosto que sentem pelo trabalho e tal como uma força motivadora para realizar as acções associadas ao altruísmo e heroísmo	2/3	11
	Busca e Vício de emoções e sensações fortes (5/35)	<i>M: “(...) alguns livros dos quais por exemplo as vivências de Fernando Nobre que me marcaram bastante, (...) que juntavam realmente um grupo de, de de sensações que eu gostava de... de correr atrás.”</i>	Aqui prendem-se motivações internas ao indivíduo, fruto de querer obter sensações, influenciadas em parte pelas leituras de Fernando Nobre, e que também surgem como um vício	1/3	5
	Gosto em viajar, conhecer, compreender culturas (11/35)	<i>M: “uma das coisas que me motiva é não só trabalhar como médico nos sítios onde eu acho preciso mas também (...) conhecer, compreender, compreender os problemas, vivê-los com os meus próprios olhos. “</i>	Aqui prendem-se motivações internas ao indivíduo, de gosto por viajar, conhecer, compreender culturas, que estão por trás também dos seus atos altruístas heroicos	1/3	11
	Criação de ligações de amizade (7/35)	<i>B: “(...) tivemos cenas assim de, em Braga... cenas que não passo, aquela camaradagem de andarmos todos elementos de um lado para o outro.”</i>	Nesta categoria cotam-se unidades de registo referentes à importância da criação de ligações de amizade como	1/3	7

			motivadoras para a prática das acções altruístas heróicas			
Sentimentos na altura (16/375)	Terapia do trabalho (1/35)	-	B: <i>“Ah....por exemplo eu venho pos bombeiros parece que isto é uma terapia, que eu torno-me mais calmo, sei lá, torno-me mais observador.”</i>	Nesta categoria cotam-se unidades de registo referentes ao efeito terapêutico que o seu trabalho altruísta heroico represente para o participante	1/3	1
	Medo (9/16)	-	I: <i>“Aquele zona é uma zona que sim, eu tive medo, sobretudo num momento em que passamos 4 horas sentados no corredor da casa, da casinha, aí podia ter acontecido alguma coisa.”</i>	Aqui inclui-se unidades de registo que remetem para a presença de medo em situações de perigo	3/3	9
	Avaliação mental constante (1/16)	-	I: <i>“(...) sempre a cabeça feita a avaliar, permanentemente, a situação de perigo, tás a ver. O que se deve fazer, o que não se deve fazer, assim tás a ver. Avaliação constante, permanente.”</i>	Aqui inclui-se unidades de registo que remetem para a presença de avaliação mental constante em situações de perigo	1/3	1
	Espontaneidade da acção (3/16)	-	I: <i>“Quer dizer, mas isso quando fazes, aí eu digo-te que és menos consciente, não tás a avaliar a situação.”</i>	Aqui inclui-se unidades de registo que remetem para a espontaneidade da acção em situações de perigo	1/3	3
	Habituação (3/16)	-	M: <i>“eu sinto, eu tenho medo, mas, as pessoas habituam-se, é incrível como é que o ser humano se habitua.”</i>	Aqui inclui-se unidades de registo que remete para fenómenos de habituação referidos pelos participantes	1/3	3
Reacção dos outros	Apoio (4/11)	-	M: <i>“Acho que as pessoas</i>	Cota-se nesta categoria	2/3	4

relativamente a essas situações (11/375)		<i>tavam orgulhosas daquilo que eu estava a fazer.”</i>	unidades de registo que apontam para reacções de apoio dos próximos sobre as suas acções associadas ao altruísmo heroísmo			
	Falta de apoio (6/11)	-	I: <i>“Passei algum tempo num estado não-grata (...)”</i>	Cota-se nesta categoria unidades de registo que apontam para reacções de falta de apoio por parte de outros sobre as suas acções associadas ao altruísmo heroísmo	2/3	6
	Stress, dedicação (9/39)	-	M: <i>“situações difíceis em que me obrigavam a uma entrega muito grande, e...eram muito frequentes. e depois não há ninguém que me substitua. (...) Nós vamos para casa, o telefone toca e temos que ir. E por isso às vezes descansamos pouco, às vezes temos mesmo em situações de exaustão difíceis de gerir.</i>	Cota-se nesta categoria unidades de registo que apontam para a existência de stress, dificuldades e entrega por vezes associadas às suas actividades altruístas heroicas	2/3	9
Impressões relativamente a essas experiências (39/375)	Reconhecimento do perigo das actividades (26/39)	-	B: <i>“Não, a gente...perigo há sempre...quando em certas situações, de fogos e não sei quê. Mas a gente tem que ir...temos as vezes, certas e determinados sítios, especialmente fogos florestais (...)”</i>	Cota-se nesta categoria unidades de registo que apontam para o reconhecimento do perigo das suas acções altruístas heróicas	3/3	26
	Necessidade de ter sangue frio (4/39)	-	I: <i>“Nessas zonas não pode ir quem tenha, não pode ir quem tenha medo. Por um lado, o medo protege não é, mas o medo não pode ser pânico. Agora é bom ter medo, hm,</i>	Cota-se nesta categoria unidades de registo que apontam para a necessidade de calma, controlo, sangue frio aquando as acções	2/3	4

---

*mas não que limite. Há quem  
não tenha uma reação  
adequada ao que está a  
acontecer, percebes?"*

---

altruístas heróicas ou de  
perigo vividas

